

Ansiiedade

Curiosidade Sofrimento

Coragem

Paixão

Incerteza

Preguiça

ARREPENDIMENTO

Egoísmo

Pânico

EUFORIA

TÉDIO

ALEGRIA

Solidão

Carinho

# CONTOS DE AGORA E OUTRORA

Raiva

Medo

REMORSO

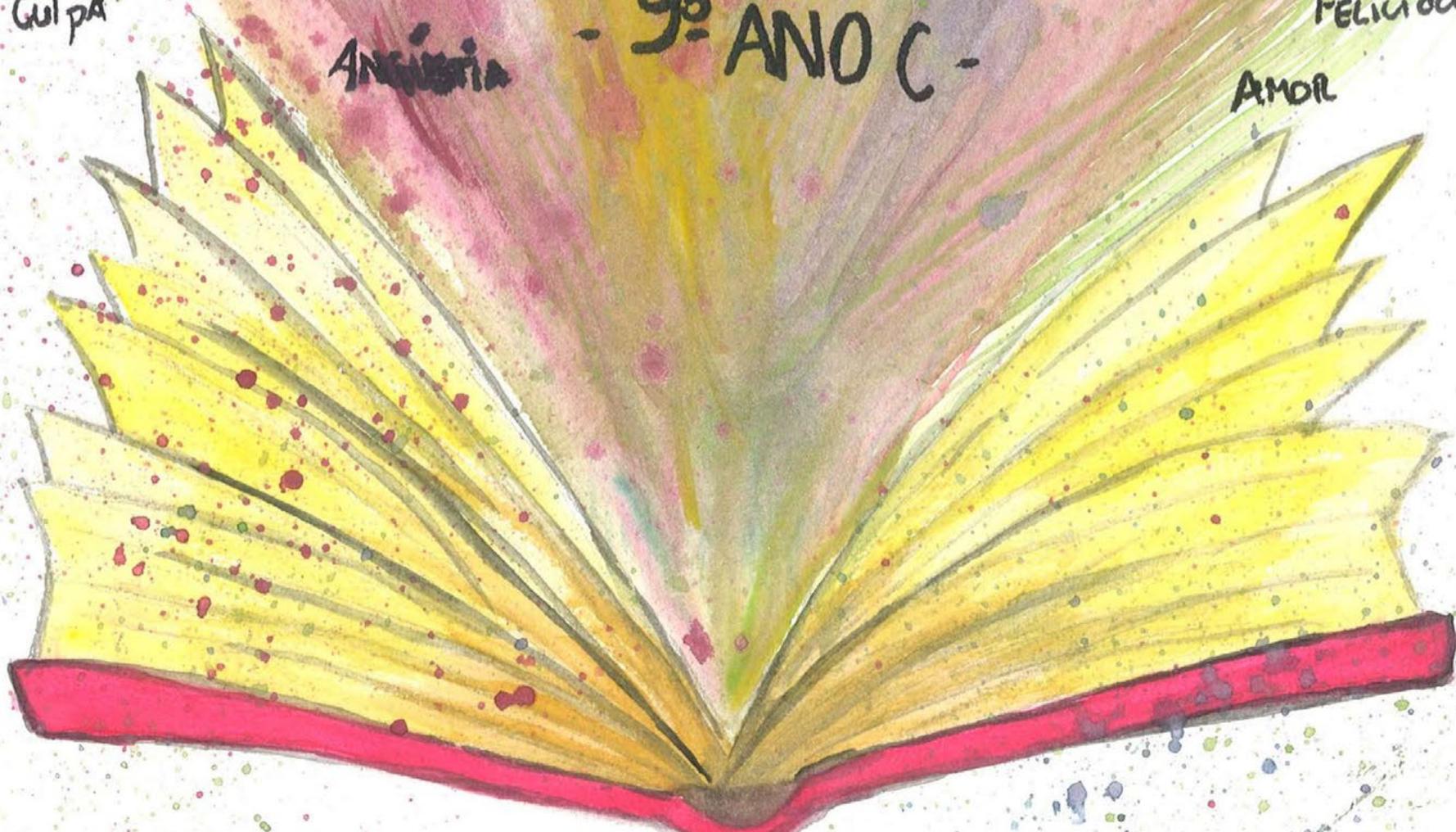
Culpa

FELICIDADE

ANXIETIA

- 9º ANO C -

AMOR



9º ano C - 2016

# CONTOS DE AGORA E OUTRORA



# Sumário

<b>APRESENTAÇÃO</b> <b>É CARNAVAL!!</b>	
Ana Luiza Aguiar Politi Assunção	6
<b>MEU PRIMEIRO ÚLTIMO ADEUS</b>	
Ana Luiza Alves Tobará	8
<b>PRIMEIRA VEZ DIRIGINDO</b>	
Caio Lafraia Brant	11
<b>SERÁ QUE?</b>	
Carolina Assumpção Fleury de Carvalho	13
<b>AQUELE LUGAR</b>	
Daniela Maciel Simão dos Santos	15
<b>SUPERSTIÇÃO</b>	
Dries Alzugaray Van Steen	17
<b>DO PRESENTE ATÉ NUNCA MAIS</b>	
Felipe Ito Asbahr	20
<b>SELVA DE PEDRA</b>	
Gabriella Mestieri Bloisi	23
<b>VÍTIMA</b>	
Giulia Alberti Soares	25
<b>NADA É PERFEITO</b>	
Isabel de Oliveira Fanucci	29
<b>À PROCURA DE UM LAR SEM PAREDES</b>	
Isabela Lago Miranda	33
<b>MEU PRIMEIRO E ÚLTIMO AMOR</b>	
Laís Haddad Caldas	40
<b>LÁ ESTAVA EU, SENTADO</b>	
Lucas de Almeida Mattos	43
<b>PROBLEMAS AMOROSOS</b>	
Lucas Storto Teixeira	47

<b>VOE MELRO, VOE</b>	
Margarida Moraes Camargo	50
<b>SONHOS REAIS DE UMA INFÂNCIA FELIZ</b>	
Maria Junqueira Netto de Sá e Benevides	53
<b>GRAÇA</b>	
Maria Maia Veiga	57
<b>CASA DE CHARLOTTE</b>	
Mariana Pestana Brom	60
<b>O NASCIMENTO DE UM CAPITÃO</b>	
Mario Bosch Audrá	64
<b>DISCUSSÃO DE FAMÍLIA</b>	
Mateus Bonfiglioli Apuzzo	67
<b>A DECISÃO</b>	
Nina de Mol Van Otterloo	72
<b>DEPOIS QUE EU DEITASSE NA MINHA CAMA</b>	
Nina de Souza Furlan	76
<b>O GRANDE JOGO</b>	
Rafael Azevedo Peixoto Camargo	81
<b>NUNCA DEIXE DE SONHAR</b>	
Rodrigo Ricca Humberg	86
<b>PELA ÚLTIMA VEZ</b>	
Sophia de Campos Berg	89
<b>CHUVA</b>	
Valenthina Matteucci Rossi	92
<b>25 DE NOVEMBRO A MELHOR TARDE</b>	
Vinícius Quaglio da Silva Gordo	95
<b>CRÉDITOS</b>	

# APRESENTAÇÃO

---

Neste epub estão reunidas obras autorais dos alunos do 9º ano, desenvolvidas durante o projeto *Contos de agora e outrora*, da área de Língua Portuguesa. As histórias se baseiam em uma experiência marcante da juventude do personagem protagonista.

Em respeito ao trabalho de produção e revisão dos alunos, e tendo em vista o limite das possibilidades de cada um deles, os textos foram reproduzidos integralmente após a última versão corrigida pela professora.

*Marilda Cabral*

*Setembro de 2016*

# É CARNAVAL!!

---

Ana Luiza Aguiar Politi Assunção

Era a melhor época do ano! A cidade estava naquele clima que só durante esse período é possível de se ver. Pessoas fantasiadas lotavam as ruas cariocas com a sua alegria e bom humor. E eu ainda estava com as melhores companhias possíveis, duas das minhas melhores amigas, Maria e Bia, e nossa, quando estávamos juntas, nada conseguia tirar nossa tremenda animação!

Íamos pulando, dançando e cantando o caminho inteiro, até o bloco! Mas também carnaval no Rio de Janeiro não tem como não ir em pelo menos um bloquinho por dia, mas vamos combinar, música boa, Ipanema, o Pôr do sol no mar, os meninos cariocas... Isso não tem preço!

Já era tarde, estávamos voltando para casa pelo calçadão, quando vi um grupo de meninos passando. Todos bem bonitos, com aquele jeitinho típico de carioca.

Comecei a encarar um deles. Era Moreno, cabelo comprido, muito charmoso! Chegou uma hora que minhas amigas notaram o grupo também e começaram a tentar chamar sua atenção, até que eles perceberam, e quem eu tinha reparado olhou diretamente para mim. “Ai meu Deus! Será que meu cabelo tá bom, minha roupa tá estranha, eu tô gorda com essa blusa curta? “Até que, atrás do meu nervosismo gritando, eu ouvi aquele sotaque carioca pertinho da minha orelha. Ah, tudo se acalmou. Ele era ainda mais bonito de pertinho, e aquele charme, nossa era de tirar o fôlego! Sem falar no

cabelo se mexendo de um lado pro outro...

Conversamos sobre milhares de coisas. Além de várias trocas de elogios, ele falou dos seus amigos, eu das minhas... o papo durou uma meia hora, e , nesse meio tempo, eu não tinha noção de onde minhas amigas estavam, mas como as conheço bem, imaginei que poderiam estar de paquera com os amigos dele. Não conseguia desviar o foco daquele momento, o jeito como ele me olhava, como ele ria de tudo que eu dizia... Até que a Bia me puxou e avisou que tínhamos que correr para casa! Me despedi dele e peguei seu número de celular. Ele tinha exigido que logo ao chegar em casa, era pra eu mandar uma mensagem, para combinarmos de nos ver outra hora.

Eu quase saí correndo para chegar logo, porém pouco antes de chegarmos em casa, eu vi o meu futuro marido, o número dele, por consequência o meu celular , indo embora numa moto com um idiota de um ladrão. Rio de janeiro é assim, tudo que é bom, dura pouco!

# MEU PRIMEIRO ÚLTIMO ADEUS

---

Ana Luiza Alves Tobará

Acho que a parte mais difícil de dizer adeus é simplesmente dizer, esse é um sofrimento que não deveria existir. Nos dias perto da notícia, minha vida tinha sido completamente diferente, meus pais não se falavam e eu, o Lucas e o Pedro estávamos no meio de todas as brigas e foi em uma dessas que foi decidido que eu ia passar o resto da minha vida sem meus irmãos e meu pai.

São Paulo é uma cidade grande e mudar para Tailândia? Fica do outro lado do planeta. E por quê? Porque é longe o suficiente para meus pais não terem que olhar um na a cara do outro? Acho que morar na praia já era o suficiente. O problema mesmo é que nem tinham me perguntaram a respeito. Dizer para minhas amigas que eu não vou ia mais vê-las todos os dias, ir ao shopping, ao parque, todos esses passeios iam se tornar uma lembrança e se tornou.

Quando eu estava no carro, pensei nos meus irmãos, por quê? Por que nós três tínhamos que nos separar? Já estava com saudades de todos antes de me despedi, antes de eu entrar naquele avião, principalmente, das minhas melhores amigas, a Duda e a Carol. Tive que acordar mais cedo do que o normal para ir para aquele aeroporto que até hoje não gosto nem de lembrar como foi ficar lá e dizer adeus à todos.

Nunca fui daquelas que chora muito, mas, naquela despedida, não tive como deixar de soltar umas lágrimas. Principalmente, pelo fato da pessoa mais importante da minha vida não estar lá, o meu

pai. Meus amigos, amigas podiam estar dormindo, mas não... Estavam ali, no aeroporto me apoiando e falando que sentiriam a minha falta.

Toda a minha vida, eu só escutei meu pai me dizendo três palavras com sete letras que marcaram a minha vida, EU TE AMO. Ele me prometeu que sempre me amaria e nunca me abandonaria. Quando o avião pousou em Bangkok eu vi que meu pai não me amava tanto quanto eu o amo, ou melhor, amava. Tinha começado a nossa aventura, só eu e a minha mãe, num país estrangeiro sem mais nada, nem ninguém.

Eu sei que minha mãe estava vivendo momentos difíceis, mas ela poderia compartilhar comigo o que se passava pela cabeça dela e perguntar as minhas opiniões, meus pensamentos e se eu estava feliz de me mudar para outro país. Nunca considerei minha mãe ausente, mas ela não é a mãe que as minhas amigas gostariam de ter ou ficassem falando “sua mãe é muito fofa”, mas eu sabia que ela me amava e eu também a amo, mas do nosso jeito. Até que aconteceu, ela quis conversar comigo e foram os melhores 10 minutos da minha vida. “Filha, eu sei que está sendo difícil. Pra mim também está, mas temos uma a outra. Sei que até agora eu não falei muito com você, mas é porque eu estou muito chateada. O seu pai queria ficar com você... Mas eu não deixei, eu não queria ficar sozinha e achei que você fosse me entender com o tempo, sei que o laço que você tem com o seu pai nunca vai desaparecer, mas o meu com você... Seria só uma questão de tempo. Filha, você foi o último bebê, a única menina, você é a única que eu achava que iria me ajudar. Mas agora eu vejo que eu fui muito egoísta, me perdoe, eu tam-

bém sinto falta do seu pai, mas eu não quero deixar de viver, tenho que seguir a vida e eu, realmente, queria que você entrasse nessa aventura comigo. Eu te amo, Giulia.”

Eu já estava chorando, mas chorei ainda mais ao ouvir “eu te amo”, chorei o equivalente a um rio, a um oceano, minha mãe disse aquilo para mim, disse que me amava. Até que o celular dela tocou. Logo que ela viu o número foi direto pra cozinha. Não era muito uma novidade ela atender depressa e me largar, o trabalho era mais importante do que tudo pra ela, até eu escutar ela falar o nome do meu pai. Ela falou super baixo, mas eu escutei o nome dele pelo telefone, fiquei ao lado da porta da cozinha e escutei frases simples como “você não pode fazer isso”, “como assim?”, “claro”. Mas quando eu escutei a “Giulia te ama”, tive certeza que minha mãe estava falando com o meu pai e as palavras que ela falou, logo depois, marcaram a minha vida “a sua filha te ama mais que tudo, você não pode trocar ela por uma filha que nem é sua, por uma menina, filha de uma mulher que está me substituindo, pela irmã postiça da sua filha.” E foi aí que eu me vi despencando, a pessoa que eu chamava de pai me substituiu, substituiu a minha mãe, ele não era quem eu achava que era, não era a melhor pessoa do mundo, não era mais a pessoa que eu chamava de pai.

# PRIMEIRA VEZ DIRIGINDO

---

Caio Lafraia Brant

Eu tinha 14 anos, estava saindo com meu pai do cinema, a noite. O carro estava estacionado num estacionamento muito grande. Meu pai me perguntou:

— Quer dirigir um pouco o carro? Aqui no estacionamento, tá bem vazio. - Aceitei porque sempre gostei de carros.

Entrei no carro, dei uma olhada pro volante, pros pedais, pra marcha e me ageitei no banco. Liguei o carro, e logo em seguida, o carro morreu. Liguei de novo, dessa vez andei alguns metros e o carro morreu.

Vimos um homem vindo na nossa direção, achamos que era do cinema falando pra gente sair do estacionamento porque já ia fechar. Então meu pai assumiu o volante e foi em direção ao homem.

Meu pai abriu o vidro para falar com o homem:

— Já tamo de saída aqui, Obrigado.

— Perai.- o homem falou enquanto puxava uma arma do bolso. - Me passa celular, carteira e o carro primeiro.

— Calma. Vou sair do carro e te dar as coisas calmamente, sem necessidade de surtar. Meu pai falou pro assaltante.

Meu pai sinalizou para mim descer do carro, obedeci. Papai pos o celular, a carteira e a chave do carro no chão e quando o criminoso foi abaixar pra pegar os objetos, meu pai chutou a arma

para longe e deu uma joelhada na cabeça do assaltante, que desmaiou na hora. Pegamos as coisas e saímos correndo. Quando chegamos em casa ligamos pra polícia e informamos o que havia acontecido.

E foi assim que descobri que meu Pai era um Ninja.

# SERÁ QUE?

---

Carolina Assumpção Fleury de Carvalho

7 de julho de 2007, dia anterior ao meu 12 aniversário, eu e três amigos, Clara, Lucas e Pedro, fomos ao cinema celebrar, e aproveitar um último momento de todos reunidos antes das férias. A Clara e o Lucas são ótimos amigos, mas o Pedro é diferente, o Pedro é mais, o Pedro é meu primeiro beijo.

Quem combinou a ida ao cinema foi o Pedro. Minha primeira hipótese em relação a esse convite foi que ele queria, bom, queria ficar comigo, por isso que fiquei muito nervosa e convidei a Clara e o Lucas. Não sei se com a ida deles vá mudar alguma coisa, mas até aí, não sei se há alguma coisa pra mudar. Ia ser legal se acontecesse o beijo, mas somos tão amigos que talvez seja melhor se não...Não sei.

No caminho para o cinema, a Clara ficava me puxando de lado e perguntando se eu gostava dele, o que só me deixava mais tensa, mas mesmo assim eu, casualmente, respondia “não”. Aí ela saía do meu lado e ia pro dele e conversava, aí voltava pro meu, e assim ela ficou indo e voltando, falando comigo, falando com ele. Até que algo aconteceu, algo que fez meu coração, minha respiração, meu corpo inteiro parar! Ela disse que ele gostava de mim. Meus pensamentos nessa hora foram exatamente estes “Ai meu Deus!! Ele... quê? Não... eu não ouvi direito, será? Será que eu devo falar que gosto dele também? Ou devo dar de difícil? Que desastre!! Um bom desastre, mas um desastre!” e mesmo com todos esses pensamentos o que eu consegui tirar da minha boca foi “Ah”.

No filme, sentamos um do lado do outro, ombro com ombro, alguns trailers se passam, mas a única coisa que consigo pensar é “Será que?”, “Será que é hoje?”, “Será que é hoje que eu beijo?”. O filme está passando já faz algum tempo, mas nada, fico cada vez mais tensa “será que dou a mão pra ele?”, “Será que olho pra ele?” Até que o filme acabou e nada aconteceu, só a coisa do ombro com ombro, mas duvido que conte então... nada! Não fiquei triste, talvez um pouco, fiquei até feliz, não muito, a gente podia realmente ter acabado com nossa amizade... ou não... Bom, acho que eu nunca vou saber porque infelizmente, sim, infelizmente, nada aconteceu.

Peguei uma carona com ele de volta pra casa porque moramos perto. Ao sair do carro, entrei em casa e fechei o portão. Corri para o meu quarto, olhei pela janela e...

Vi meu quase primeiro beijo indo embora rua acima.

Vi meu quase primeiro beijo entrar em casa e fechar o portão sem pensar duas vezes.

E, naquele momento, era duas cabeças e um pensamento.

# AQUELE LUGAR

---

Daniela Maciel Simão dos Santos

Estava eu, dentro do carro olhando pela janela. O dia estava claro, mas não era possível avistar o sol. Eu continuava olhando pela janela com certa ansiedade. Ia para um lugar diferente naquele dia, um lugar o qual eu nunca tinha visitado antes.

Meus pais já haviam comentado algo sobre aquele lugar. Falavam que era divertido. Realmente, eu estava confusa. Sentia-me alegre, com medo e ansiosa, tudo ao mesmo tempo. Já havia dias que eu estava assim, parecia que após eu ter ficado sabendo mais sobre o lugar, os dias demoraram muito mais para passar.

Eu já estava cansada de ficar dentro do carro quando, de repente, meu pai falou, “Chegamos!”. Nesse momento meu coração disparou. Desci apressadamente do carro. Era muito grande aquele lugar, havia muitas crianças brincando, gritando, correndo. Eu não conhecia ninguém. Tocou um sino e minha mãe me pegou. Fomos para uma sala grande que continha massinhas coloridas, papéis, lápis, giz, jogos e muita coisa legal, tinha até areia no fundo dela. Sentei em uma mesa com outras meninas, eu estava receosa de falar com elas, “e se elas não gostassem de mim? Se elas não quisessem ser minhas amigas?” Afastei-me e comecei a brincar com uma massinha colorida quando uma delas me olhou e deu sorriso. Ufa, ela parecia estar gostando de mim. Depois de tanta brincadeira, saímos daquela sala e fomos nos divertir fora da li, em outros espaços.

Estava andando pela areia pensando no quanto eu havia gostava-

do de lá, era um lugar aconchegante, um lugar acolhedor. No fundo do pátio, avistei uma enorme parede onde era possível escalar, parecia algo muito divertido. Continuei minha caminhada para conhecer aquele local. Cada passo era uma descoberta. Tocou novamente aquele sinal.

Voltei para a sala do começo do dia, meus pais não estavam mais lá. Eu senti falta deles. Era a hora da história. A moça que nós chamávamos de ‘professora’ pegou um livro e começou a ler uma história que me parecia familiar. Fiquei envolvida nos acontecimentos, quando, de repente, tudo apagou. Acordei com uma voz conhecida, era minha mãe. Ainda bem, eu já estava com saudades.

Despedi-me daquelas pessoas que tinha conhecido e fui em direção ao carro. Então minha mãe perguntou, “Como foi o primeiro dia de aula na escola, filha?”. Foi aí que descobri que aquele lugar diferente no qual eu havia passado a manhã inteira tinha um nome: “Escola”. Até que eu gostei de lá. Comecei a frequentar aquele lugar todos os dias e a cada dia era uma novidade, algo inesperado. Cada brincadeira na areia, cada imaginação, cada história tinha um poder espetacular.

# SUPERSTIÇÃO

---

Dries Alzugaray Van Steen

Numa noite, voltávamos de uma festa eu e mais um grupo de amigos, ainda animados. Nós bebíamos e ríamos alegremente. Éramos os únicos acordados na vila, nenhuma janela acesa ao nosso redor. Até que um dos garotos, ao perceber que estávamos chegando perto do cemitério, decidiu espontaneamente contar histórias de terror. As meninas do grupo iam ficando cada vez mais assustadas com as histórias.

— Estamos quase passando pelo cemitério, vocês sabiam que nunca devemos pisar em um túmulo após o pôr do sol? Se vocês fizerem isto, o morto agarra suas pernas e as puxa com ele de volta para o inferno.

— Mentira – disse uma delas –. Isso é uma superstição da época de minha vó.

— Se você é tão corajosa, por que não nos mostra? Eu lhe dou 50 cruzeiros se você pisar em qualquer sepultura.

— Eu não tenho medo de túmulos e muito menos de cadáveres podres. Se você quiser faça isso agora mesmo.

O menino lhe estendeu uma faca e disse:

— Crave isto em um dos túmulos e então nós saberemos que você esteve lá.

Sem hesitar, a garota tomou-lhe a faca e caminhou até a entrada do cemitério, sobre a surpresa dos nossos olhos que duvidavam

que ela tivesse tal coragem. Antes de atravessar o alto portão enferrujado, o garoto maldoso gritou:

— Ah! E qualquer coisa... corra! – sussurrando a última palavra.

Não negarei. Eu e o resto do grupo, não envolvidos nesse jogo de desafios entre o casal, assistíamos à briga entretidos como acontece com as crianças ao escutarem seus pais lendo um livro de suspense. Afinal, não estávamos sóbrios o suficiente para impedir a discussão, ou muito menos cientes do que a garota estava realmente prestes a fazer. Porém a adrenalina não nos impediu de segui-la adentro, para podermos provar a nós mesmos que a garota tinha tamanho destemor.

\* \* \*

A garota entrou no cemitério onde o silêncio era total, sombras negras eram formadas pela luz da lua. Os galhos secos das árvores ao seu redor contorciam-se e apontavam para a menina, como se fossem agarrá-la com seus dedos de carvalho. As mãos trêmulas da menina entregavam que sentia, sim, medo – na verdade, muito medo. Chegando ao centro do cemitério olhou em volta.

Então ela escolheu um túmulo e pisou apenas um pé em cima dele. Depois cravou a faca no chão ao lado da sepultura e virou-se para ir embora, mas vimos que algo a deteve. De longe, nós enxergávamos a garota tentando se soltar mas não conseguindo, apavorando-a.

— Alguém está me segurando!!! – disse em voz alta a menina,

que a essa altura já estava pálida como uma folha de papel, e caiu no chão, gritando de horror.

Com os gritos aterrorizantes femininos, apressamos o passo atrás dela, agora sem nos preocupar se ela nos veria. Nós a encontramos sobre um túmulo. Ela estava morta com uma expressão de terror, seus olhos arregalavam-se quase a ponto de pular para fora do rosto. Inadvertidamente, a faca havia sido cravada pela própria menina em sua saia no chão, impedindo-a de se movimentar.

No dia seguinte, o exame de perícia médica indicou morte causada por ataque cardíaco.

# DO PRESENTE ATÉ NUNCA MAIS

---

Felipe Ito Asbahr

Sempre procurava pensar o significado da palavra namorar. Dizem que é a relação entre duas pessoas que se unem pelo desejo de estarem juntas e partilharem novas experiências. Mas você deve estar pensando agora, “que diabo esse idiota está falando, ele não sabe o que é namoro”. É, meu caro, com 17 anos, eu não sabia.

Diariamente, vou com meus amigos Juca, Zeca, José e Arnaldo a um bar, colocar o papo em dia e fica paquerando diversas garotas. Todos ficavam me enchendo o tempo todo para que eu arranjassem alguém, mas sou péssimo nisso. Eu tinha uma personalidade muito tímida, era uma pessoa fechada e de poucas palavras.

Até que nesse mesmo dia, nesse mesmo bar, de relance, meu olhar cruzou com o de uma garota que estava sentada próxima a mim. Fiquei pensando durante uns 5 minutos “Será que eu vou?” “Melhor não ir, pode aparecer qualquer uma outra” “E se ela for embora?”. Mas eu fui, fui porque, naquele momento senti que era a minha hora, de derrotar todos os obstáculos que ficaram na minha cabeça durante dezessete anos, deixar para trás os pensamentos e atos que deram errado e, principalmente, porque nunca tinha visto uma moça tão bonita como aquela. Me aproximei da garota e tentei puxar papo com ela.

— Oi, me chamo André, qual é o seu nome?

— Joana – respondeu a tímida garota.

— Vem sempre ao bar? – perguntei.

— Primeira vez.

Poxa, depois dessa resposta deu um branco, não sabia mais o que falar, não sabia que assunto eu tinha puxar. De repente, Joana tomou a iniciativa e falou:

— Olha, eu vim de Recife e, gostaria de saber se aqui em São Paulo tem alguma hospedaria por perto?

— Tem sim... Eu conheço uma, posso te levar – respondi rapidamente.

Fomos caminhando até o hotel, estava frio na cidade. Disse que tinha vindo para São Paulo dois dias atrás em busca de um emprego e que tudo era novo para ela. O clima, o trânsito, a metrópole e muitas outras coisas. Emprestei meu casaco a ela e ficamos conversando sobre política, futebol e economia durante o caminho inteiro. E se tinha uma coisa que eu gostava era conversar. Bom, quando chegamos no hotel, atrás diversas histórias contadas, percebi que senti algo realmente especial por Joana e esse sentimento era recíproco.

Combinamos que todos os dias iríamos nos encontrar em uma praça pouco movimentada ao pôr-do-sol. Cada encontro era como se fosse o último de nossas vidas, muito intenso e apaixonante. Prometi a ela que nunca ia deixá-la. A alegria, o seu bom humor e sua felicidade a cada minuto faziam com que me apaixonasse cada vez mais por ela. Estava muito ansioso para contar a todos os meus amigos. Pois imagine, seriam meses sem provocações e, nos pensa-

mentos meus e de Joana, seria até a eternidade.

Fugia de casa correndo para encontrá-la, inventava desculpas para sair mais rápido da faculdade e dos encontros com os amigos. Tinha uma personalidade que coincidia muito com a minha.

Um dia, o sol se pôs, anoiteceu e Joana não apareceu. Tinha total certeza de que algo ruim lhe havia acontecido, porque, em todos os dias na praça, nenhum de nós nunca foi ausência. Fui até o hotel, ao bar, a minha casa para procurá-la. Ninguém sabia de seu paradeiro. Andei pela rua sem sucesso, interroguei diferentes pessoas e confundi tantas outras como Joana.

Mas, de fato, nunca mais a encontrei.

# SELVA DE PEDRA

---

Gabriella Mestieri Bloisi

Olhava o movimento da cidade pela janela do carro. Ouvia vozes, sirenes, músicas de artistas de rua, o barulho das pessoas se mexendo. Tentava captar cada detalhe. Minha cabeça encostada no vidro gelado, por conta do frio que fazia lá fora. Nos meus fones de ouvido, tocava New York, do Frank Sinatra. Havia um sorriso muito grande em meu rosto. O que a música me fazia sentir se juntou ao misto de emoções de estar finalmente naquele lugar, e eu estava prestes a derramar lágrimas naquele sorriso bobo. As luzes eram muitas, apesar do sol estar apenas começando a se por. Ah, Nova York, como eu havia esperado por você.

O taxista, que falava um inglês com sotaque indiano bem aparente, me avisou que havíamos chegado. Me segurei para não abraçar o homem. Saí do táxi amarelo com minhas malas. É, era um táxi amarelo. E não era só isso que me fazia sentir em meus filmes favoritos. O cenário todo, do jeitinho que sempre imaginei, fazia meus olhos brilharem. Paguei o taxista, e entrei no prédio. Conversei com o porteiro, e logo tinha a chave de meu mais novo apartamento em minhas mãos. Meu apartamento! Ele era um loft, porém não muito grande. As paredes de concreto, como a cidade inteira. E uma janela enorme, que ocupava quase uma das paredes inteiras, me dando uma vista absurdamente bonita. A cama era encostada na janela. Me deitei, e fiquei um tempo admirando a cidade que um dia foi apenas dos meus sonhos.

Enquanto olhava Nova York inteira de cima, comecei a pensar

no que aconteceria agora. Lembrava dos rostos das pessoas que vi na rua - que foram muitas - e pensar como elas haviam chegado ali. Mas isso não importava, afinal. Foi ali que me dei conta que era pra isso que eu estava em Nova York, sempre foi esse o objetivo, eu queria essa liberdade de poder viver sem nada me segurando. E ali estava eu. Minha vida recomeçando, tudo tão novo e diferente. Decidi sair, e dar de cara com o futuro.

Andando pela rua movimentada me senti parte daquele cenário, como se fosse o lugar perfeito para eu estar naquele exato momento. Nada precisava ter acontecido diferente, porque naquele momento, eu senti como se fosse explodir, eu de fato estava ali, 19:07, na sexta avenida, sozinha, com um casaco particularmente grande e cor de caramelo, e a cabeça a mil. E foi aí que tive um insight. Um sentimento bem diferente de qualquer outro, que até hoje não consigo explicar, mas simplesmente, olhando para aquilo tudo, percebi que estava começando a viver.

# VÍTIMA

---

Giulia Alberti Soares

— Mãe, mãe! Deixa eu pedir um refrigerante, vai!

— Já tomou o suficiente ontem, na macarronada de sábado que sempre tem na vovó.

— Tá bom, tá bom, então posso pedir um milk-shake?

— Ai, cala a boca e pede logo um suco! – ele reclamou.

— Oo, mãe! Deixa pelo menos um X – Burger, vai, por favor.

— Já falei que não!

— Aaah, que saco! Odeio minha vida! Toda vez voc... Um suco de laranja e um sanduíche de atum, obrigada.

Passaram-se uns cinco minutos e eu só ouvia o barulho irritante de talheres tinindo e o som angustiante de bocas mastigando. Vasculhava o lugar, procurando por algo interessante para me entreter de alguma forma.

Meus olhos corriam uma maratona pelo restaurante, até que, subitamente, pararam, atravessaram a rua, e lá na frente deram de encontro com um pobre sujeito, encostado em um dos muros de um prédio. Dava para ver seu rosto brilhando de suor sob o sol ardente do meio-dia.

O homem aparentava ter uns 20 ou 21 anos. Naquele momento da vida quando as pessoas estão na faculdade, escolhendo um rumo para a vida, sabe? Lembrei das conversas que tinha com meu

pai, sobre o que eu gostaria de ser quando crescesse. Ele ria, falava que eu só tinha doze anos e para não apressar minha escolha. Mas o homem não parecia estar podendo escolher nada, deitado sobre um colchão meio rasgado e um ou dois cobertores sujos. Um cachorro ao lado como sua única companhia. Era uma tarde de verão, então ele vestia uma blusa azul normal e uma bermuda tão rasgada quanto o lugar onde dormia. Aquela imagem me chocou e eu não conseguia parar de olhar para o homem, embrulhou-me o estômago e perdi minha fome.

— O que se tá olhando, menina? Come logo, que custou caro! – ele brigou

— Que droga, João! Você não cansa de me encher o saco, não? Não é porque você é meu irmão mais velho que você pode mandar em mim!

Voltei-me novamente para o homem. Via as pessoas que passavam na rua. Algumas o encaravam e analisavam-no, enquanto outras apenas ignoravam completamente a sua existência, esbarrando ou virando a cara. Minha mãe, que percebera minha comoção, apontou:

— De vítima ele não tem nada, filha. Deve ser um drogado, expulso de casa. Ah, mas esse aí não trabalha! Um vagabundo, posso dizer!

Não respondi, apenas fiquei refletindo: “ Vítima ele não é... Ou é? Vítima da sociedade, talvez? Vítima das drogas? Poxa, mas e se o cara nem usar drogas? Por causa de uma roupa suja ele é vagabun-

do?

Quanto mais eu pensava sobre o assunto, mais meu coração doía. Tentava me lembrar se eu costumava ter a mesma reação que as pessoas estavam tendo naquele momento quando se deparavam com o pobre sujeito, afinal, em São Paulo, a gente sempre encontra umas pessoas assim e a gente nunca pode se acostumar com uma coisa dessas, sabe?

— Mãe, posso fazer alguma coisa?

— O que por exemplo?

— Sei lá, acho que qualquer ajuda significaria muito.

— Ai, filha, não sei não, hein... Vai que ele te ataca! Nunca se sabe o que ele esconde embaixo desses cobertores...

— Esse cara aí deve ser treinado, te mata em uma fração de segundo! – exclamou meu irmão.

Depois de muita insistência, finalmente, consegui convencer minha mãe. Pedi ao garçom que embrulhasse meu suco e meu sanduíche para viagem.

Esperei até que eles terminassem a refeição para então caminhar em direção ao sujeito. À medida que eu me aproximava, percebi que minha mãe e meu irmão estavam enganados: sua expressão não era de ameaça nem de raiva. Parecia mais confuso e triste do que qualquer outra coisa. Atravessei a rua, agora com meus pés.

Andei até me aproximar o suficiente para estender a sacola e oferecer o lanche e a bebida. Não me lembro muito bem o que fa-

lei para ele, mas sei que sua reação foi imediata: abriu um sorriso de orelha a orelha. Dentre inúmeros dentes brancos e alinhados, os seus, que eram bem diferentes disso, formavam o sorriso mais bonito que eu já vira: espontâneo. Verdadeiro como diamante.

Com as duas mãos sôfregas, ele agarrou a sacola. Agradeceu-me, umas duas ou três vezes. Não conseguia tirar o sorriso do rosto. Sua enorme felicidade em meio a algo que eu negara e rejeitara vigorosamente me deixou um tanto quanto decepcionada comigo mesma e me fez ficar refletindo em silêncio o caminho inteiro até em casa.

“Odeio minha vida... Que tamanho equívoco! Como pude ser tão egoísta? Por que nunca havia parado para pensar e analisar aquela situação? Por que me deixei acostumar com isso? O que será que eu descobriria sobre ele se tivesse ficado mais tempo? Talvez eu descobrisse um pouco da sua história, o motivo de ele estar lá... Que vontade de, sei lá, criar uma ONG. Mas só com doze anos? E eu também não tenho dinheiro... Ah, deixa pra lá, então, fica pro futuro. No final das contas, acredito que quem mais ganhou com essa experiência fui eu...”

# NADA É PERFEITO

---

Isabel de Oliveira Fanucci

Em toda a minha vida nunca achei que iria encontrá-lo. Foi o menino dos meus sonhos, com quem sonhei em me casar e viver feliz para sempre.

Sei que a vida não é um conto de fadas nem nada, mas mesmo assim gosto de, às vezes, fechar meus olhos e imaginar como seria uma vida perfeita.

Eu e Léo estávamos juntos há mais de um ano. Ele era um garoto muito amável. Fazia tudo para me deixar feliz e sempre me deixava com um sorriso plantado no rosto. Além de sempre me fazer sorrir, era muito bonito. Me apaixonei por ele na primeira vez que nós conversamos, porque o jeito maravilhoso que ele tem, não tem preço!

Nossa primeira viagem juntos foi para a casa na praia de Fred (melhor amigo do Léo). Ele é o melhor amigo de Léo desde que eles tinham 4 anos (acho). Fred é muito simpático e extremamente positivo. Como Léo e Fred são inseparáveis, fiquei muito amiga de Fred também. Sempre que estou me sentindo pra baixo, procuro conversar com Fred, e ele consegue fazer com que minha autoestima aumente!

Foi, realmente, uma viagem marcante para mim e muito, provavelmente, para o Léo também.

Era uma sexta à tarde, íamos eu, Léo, Fred, Julia e Sophia e

mais dois amigos de Léo e Fred. Julia e Sophia são minhas melhores amigas há muito tempo. Sem elas, eu realmente não seria nada. Éramos basicamente dependentes umas das outras, só íamos para festas e bares juntas.

A viagem não foi muito longa, chegamos em mais ou menos duas horas, mas foram duas horas de muita música, risada e diversão. Para mim, essa seria uma viagem perfeita.

Chegamos no final da tarde, no tempo exato de vermos o pôr do sol. A casa de Fred é na frente de um píer, onde a vista era incrível. O reflexo do céu laranja, um pouco rosado, no mar me deixou até um pouco emocionada. Nessa hora, olhei para os olhos cor de piscina do Léo, dei um sorriso bem grande e nós nos beijamos profundamente. Foi um beijo que parecia não ter fim. Devo admitir que foi nesse momento que percebi o quão apaixonada por Léo eu estava. Essa foi uma noite de jogos e filmes. Uma noite chuvosa, porém relaxante.

O dia seguinte inteiro passamos na praia, tomando sol, dando mergulhos direto do píer ao lado da casa de Fred e curtindo a linda praia. Quando anoiteceu, nós fomos para a casa de Fred comer alguma coisa e descansar.

Todos estávamos morrendo de fome, então os meninos resolveram preparar um churrasco. Enquanto isso, eu, Ju e Sophia tomamos banho e descansamos um pouco. Nosso quarto ficava ao lado do mar, então era bem relaxante dormir ao som das ondas quebrando. Enquanto Sophia e Julia tomavam banho, de tão cansada que eu estava não aguentei e dei uma cochilada..

Minha cochilada foi bem extensa, dormi por uma hora e meia. Acordei com duas vozes de fora da janela, presumi que estavam vindo do pier, mas não dei muita bola.

Saí do quarto e fui para o jardim comer um pouco, pois estava faminta. Já fazia um tempo que eu não via o Léo, então perguntei para um de seus amigos se o tinha visto, e ele respondeu que também não o via há um tempo. Presumi que Léo poderia estar dormindo, então fui dar uma caminhada pela praia. Sempre gostei de caminhar pela praia à noite, acho lindo o reflexo da lua no mar, sempre me deixa feliz e me acalma. Mas, naquela noite, foi diferente.

Estava me aproximando do píer, quando vi duas pessoas sentadas. Não consegui definir muito bem quem eram, pois estava escuro, e tudo estava sendo apenas iluminado pela luz da lua. Fui me aproximando, e pude ver que essas duas pessoas se beijavam, bem profundamente. Quanto mais perto eu chegava, mais podia reconhecer quem era uma das pessoas, a Sophia. Mas que Sophia estava beijando? Quem seria essa segunda pessoa?

Não pensei duas vezes. Comecei a andar mais rápido para tirar minha curiosidade. Quando cheguei no tão lindo píer, dois pares de olhos me olharam, e pararam de fazer o que estavam fazendo. Dois desses pares eram castanhos claros, quase mel. Eram os olhos de Sophia. Mas outros dois pares de olhos me olharam também. Eram dois pares de olhos azuis, semelhantes à cor de uma piscina.

Sophia e Léo estavam se beijando. Não tive uma reação imediata. Por algum tempo, fiquei em choque. Acho que nenhum de nós

três sabíamos como reagir. Percebi que meus olhos se encheram de lágrimas. Lembro-me que saí correndo, sem rumo algum.

Essa foi a última lembrança que tive da primeira e última viagem com o amor da minha vida, com quem sempre sonhei em passar o resto dos meus anos. Notei nessa viagem que algumas pessoas não valem a pena.

# À PROCURA DE UM LAR SEM PAREDES

---

Isabela Lago Miranda

Nossa vida não é composta de memórias. Por mais que seja uma grande sucessão de eventos, não há como lembrar deles em detalhes. Por exemplo, eu não me lembro da primeira vez que andei de bicicleta, só me lembro do medo na boca do estômago, do meu pai me dizendo, você é a única pessoa da sua idade que usa rodinhas. Depois disso fiz questão de jogar elas fora e andar de bicicleta para ir a qualquer lugar, mesmo que eu me machucasse todo.

Nos lembramos de sensações, e do que mudou a partir daquele momento. Mas até que é possível se lembrar de memórias completas, porque, afinal, estudos comprovam que quanto mais você pensa sobre uma coisa, mais você se lembra dela. Deve ser por isso que o dia mais marcante da minha vida continua marcado em minha mente, como uma tatuagem.

Começou simples o suficiente. Tomei o meu café da manhã, escovei os meus dentes, troquei as minhas roupas. Mas não tomei com a minha colher favorita, nem usei minha escova, e todas as minhas roupas ainda tinham etiquetas. Não era a minha casa. Eu não havia nascido nem crescido ali, então não podia, de jeito nenhum, ser minha casa.

O divórcio dos meus pais foi difícil, mas não me surpreendeu. Suas famílias brigavam, seus gestos brigavam, e a forma como se olhavam era como uma declaração de guerra. Para mim, era claro

que eles iam se divorciar.

Acabei na casa da minha mãe. Que não era minha casa, era a casa dela. As paredes eram claras demais, a cama era longa demais, a garagem era pequena demais. E nós tínhamos um jardim. Nossa!

Eu entendo que era só meu primeiro dia lá, mas eu me sentia como um peixe que acabou perdido numa floresta. Parte de mim esperava que a minha mãe se virasse para mim e dissesse, Ok, já passamos muito tempo aqui, vamos embora. Mas não, por mais estranho que pareça, ela não parava de sorrir.

Meu vizinho também era um estúpido. Quem ele achava que era, andando com a bicicleta dele, com os amigos dele, e brincando com as armas de água dele. Que ele fosse plantar batata, pegar as suas coisas e sair dali.

O pior era a minha mãe. Olha, um garoto da sua idade, vai brincar com ele, e eu, Não mãe, ele parece um babaca, e ela, Não seja bobo, olha só, ele anda de bicicleta também, e eu, Nossa mãe, já disse que não quero falar com ele. Ele não era meu amigo, eu nunca tinha visto ele na minha vida, eu não ia lá, não, de jeito nenhum.

Mas já que minha mãe não aguenta ficar nem cinco segundos sem amigos, ela convidou nossos vizinhos para jantar. Adivinha quais? Isso mesmo, Garoto Estúpido e a sua mãe.

Vai brincar com ele, disse minha mãe, enquanto conversava com nossa vizinha sobre Assuntos de Gente Grande, Mostra seus brinquedos pra ele. Puxa, não, que droga, não estava nem um dia nessa casa e eu já precisava compartilhar oxigênio com aquele otá-

rio. Mas eu não ia fazer birra logo na frente de estranhos, então de má vontade fui mostrar o bendito quarto.

— Esse é o meu quarto – falei.

— Legal - ele respondeu. Depois, um silêncio estranho.

— Quer fazer alguma coisa? - eu perguntei.

— Não sei, você quer fazer alguma coisa? - ele retrucou.

— Não. - Mais silêncio.

— Por que você não gosta de mim?

— Isso não é verdade - eu respondi.

— Não, você não gosta.

— Gosto sim! – insisti.

— Nem vem!

— Fica quieto!

— Fica quieto você!

— Tá, já deu! - interrompi.

Do nada, ele começou a andar até a porta. Sem mais nem menos.

— O que é que você tá fazendo? Volta pra cá!

— Não quero ficar aqui.

— Onde você tá indo?

— Vou contar pra sua mãe.

— Não, você não vai!

— Ah, eu vou!

— Ah, você não vai mesmo!

— Vou! A menos que você...

— Que eu o quê?

— Me mostre o sótão.

— Por que eu faria isso? - retruquei, irritado, mas eu sabia bem porque. - Tá bom, vamos logo.

E subimos a escada, entramos no sótão, fechamos a porta. Subitamente, ele abriu a janelinha no teto e subiu. Meu Deus, ele me deixaria tão encrencado, mas eu subi mesmo assim.

Imediatamente o vento me deu um tapa na cara, e o céu escuro - com mais estrelas do que eu me lembrava - sorriu para mim. Eu enterrei minhas mãos nos meus bolsos e sentei ao lado do Garoto Estúpido.

— Isso dá no telhado, seu animal – eu reclamei.

— Dã, eu sei. Por isso que eu vim.

Eu só bufei em resposta.

Mesmo que ventasse para caramba, e as telhas roçassem de forma desconfortável contra o meu corpo, até que era um baita lugar. Tudo era só céu, grande e escuro, se estendendo infinitamente, e

havia apenas as luzes das casas e das lâmpadas do bairro como iluminação, perdidas no meio da noite e das estrelas que pontilhavam seu rosto como sardas.

— Por que você não gosta de mim? - o garoto repetiu a pergunta.

— Você não é meu amigo - expliquei, talvez só pra fazer ele ficar quieto. - Eu nunca te vi antes, e você não é nenhum dos meus amigos.

— Mas por que não posso ser?

— De jeito nenhum. Essa não é a minha casa, esse não é o meu telhado e você não é meu amigo.

— Então por que você veio pra cá?

— Eu não queria - respondi, mais suavemente, meus pais se divorciaram.

— Ah, tá. Desculpa.

— Já mudou de casa antes?

— Já, faz três anos.

— E você gostaria de estar com o seu pai?

— Meu pai morreu - ele disse, sério de repente.

— Meus pêames - respondi apressado, repetindo uma palavra que já tinha ouvido minha mãe dizer.

— Tudo bem, já foi - ele falou.

Nós ouvimos um, Crianças, hora de dormir!, lá de baixo, provavelmente da mãe dele. O garoto já foi se levantando e estendeu sua mão. Eu a peguei e ele me ajudou a levantar, não sem antes dizer:

— Olha, eu sei que você... prefere os seus amigos antigos e tudo, mas eu juro que posso ser seu amigo. Você pode acabar se acostumando comigo. E com a sua casa.

— Valeu - eu falei, e quase me surpreendi sobre o quão sincero eu me sentia – Acho... que pode ser.

Ele sorriu em resposta, descendo pelo buraco de volta ao sótão.

— Ok, mas só se me deixar voltar pro telhado mais vezes, minha mãe não me deixa ir no da minha casa.

— Por quê?

— Eu caí de lá de cima. Tinha um colchão embaixo, mas ela não ficou muito feliz mesmo assim.

— Oh - eu respondi, me controlando para não rir com a imagem que se formou na minha mente.

— Se apressa, nossas mães vão surtar!

E essa memória é tão importante para mim porque foi o que começou com muitas outras. Marcou a minha vida porque virou ela de cabeça para baixo, e por mais que eu negasse, de cabeça para baixo era o lado certo para mim. As paredes muito claras, as tardes andando com a minha bicicleta nova e o Garoto Não-Tão-Estúpido um dia seriam um local onde eu pudesse pertencer, um lar sem pa-

redes.

# MEU PRIMEIRO E ÚLTIMO AMOR

---

Laís Haddad Caldas

Os preparativos para a grande festa ainda não estavam prontos, a lua de mel ainda não estava paga, meu vestido estava apertado, a quantidade de garçons era menor do que eu esperava, e além de tudo sentia uma forte enxaqueca.

Parecia que aquilo era um mau sinal, será mesmo que devia me casar com este homem? Eu o amava? Comecei a me questionar se estava fazendo a coisa certa. Será que tinha comido algo estragado? Será que aquilo era ansiedade comum das noivas ou só minha? Naquele momento não conseguia identificar a origem daquele problema, por isso guardei para mim mesma, nem contei para minha melhor amiga que era minha madrinha de casamento.

A hora já estava se aproximando e os convidados já estavam chegando para a cerimônia.

O lugar escolhido para realizar o casamento era um dos mais lindos que já tinha visto, perto havia uma cachoeira, ao lado dela um campo verde, florido, parecia com um mundo retirado de um conto de fadas. A cerimônia de casamento foi organizada nas cores branca, bege e dourada. Estava tudo pronto, não me sentia mais insegura e a enxaqueca tinha passado.

Logo quando fui subir para o andar de cima para me arrumar, me deparei com um homem alto, bonito, de cabelos escuros, pele clara e olhos verdes. Estava desacompanhado. Era Maurício, um velho namorado da faculdade. Estava o mesmo, não tinha envelheci-

do e não estava casado.

— Maurício, é você?

— Flávia? Há quanto tempo! Como você está?

— Eu estou bem e você?

— Eu também.

— Fiquei sabendo que você vai se casar! Então queria conferir de perto.

— Muito obrigada por vir.

— Foi bom te ver.

— Eu também achei.

Logo depois de terminar a conversa, subi as escadas pensando se deveria cancelar o casamento. Nunca tive uma relação tão boa quanto à que tive com Maurício. Meu noivo era muito sério e amargo por fora e por dentro, mas era um bom homem e não seria talvez um bom marido nem um bom pai.

Sempre tive um sonho de ter filhos, quando eu estava namorando o Maurício, nós pensávamos em construir uma casa perto de um lago e viver e criar nossa família, mas os planos foram mudando e nossa relação também. Nem lembro porque tínhamos terminado.

Chegou a hora tão esperada, a cerimônia. A música começou a tocar e fiquei imaginando se devia ou não devia me casar com meu noivo. A insegurança tomou parte de meu corpo e sai correndo da igreja desesperada, sem saber o que fazer entrei em meu carro e di-

rigi até a cidade mais próxima. Avistei o carro e Maurício pelo retrovisor, ele me pediu para encostar, eu encostei.

Ele saiu do carro e andou até a minha janela. Eu abri a janela, e comecei a chorar. O homem apaixonante entrou em meu carro e me deu um abraço, logo em seguida eu o beijei. Tivemos uma longa conversa e naquele momento eu percebi que aquele era o amor da minha vida.

*Para meus filhos Tony e Marisca.*

# LÁ ESTAVA EU, SENTADO

---

Lucas de Almeida Mattos

Lá estava eu, sentado no banco. Olhava pelo espaço, as luzes brancas ofuscantes e brilhantes refletiam sobre meus olhos, eu olhava através da janela ao final do corredor e avistava as folhas já mortas serem chicoteadas pelo vento, mesmo sem merecerem. E em um determinado momento, tudo pausava, e o sentimento de dor se recuperava, e começava a crescer, cabeça, coração, abdômen e pernas, todas as partes na mesma harmonia, angústia, agonia, sofrimento.

Meus pés estavam apoiados na cadeira, de forma que meus joelhos ficassem na altura de meus olhos. Eu sabia que não era a posição mais adequada, mas eu mesmo deixava lesar essa convenção social. Apesar de meus peitos estufados, que mostravam coragem, meus joelhos doíam, dobrados na altura dos meus olhos.

Mesmo com meus joelhos na altura dos meus olhos atrapalhando minha visão, conseguia ver minha mamãe. Ela me chamava, não sabia bem o que ela queria, mas mesmo assim fui, estava em um momento que podia fazer algumas decisões erradas. Mamãe era uma pessoa feliz, estava sempre sorrindo, com sua risada particular, risada alta que contagiava os outros. Nesse momento, ela não sorria e muito menos ria. Minha mãe já tinha enfrentado aquilo, acho que muitos já eram experientes no assunto, no entanto, para mim, era uma novidade sofrida. Quando me aproximava, ouvi minha mãe comentando com meu pai, ” o João não está bem, converse com ele”. Meu pai aceitou, e aquilo me derrubou, me enfraqueceu. Mesmo eu estando mal, me sentia forte, pelo menos queria parecer for-

te, com os peitos estufado e os braços rígidos, saltando os músculos.

Meu pai me chamou em um canto para papear, parecia tranquilo, não demonstrava muitas dificuldades ao falar comigo, éramos bem próximos. Ele era quieto e tímido, mas era bem íntimo da família, fazia muitas brincadeiras, parecia melhor que mamãe, falava comigo naturalmente. Ele começou o diálogo, perguntava como eu estava e como andava reagindo. Minhas respostas foram diretas, em apenas algumas palavras, e em muitos gestos. Em um pequeno espaço de tempo, já estava criando frases mais completas “ eu sei, pai, todos vão passar por isso, mas por que eu? Por que agora? Ela não podia ter demorado um pouco mais para ir? ” E agora parecia que eu falava mais que meu pai, ele só concordava com a cabeça. No final, resolveu dar um abraço, apertava minha cabeça, doía um pouco, mas ao mesmo tempo era reconfortante. Agora me sentia melhor, mais capaz de lidar com o momento.

Logo que papai me deixara sozinho, me lembrava de todos os momentos que havíamos passado juntos, só eu e ela. As comidas que preparávamos para a família, aos domingos, parecia que sempre estávamos em total harmonia, um esquentava, outro mexia, e assim surpreendíamos a família com comidas divertidas. Quando acabávamos de comer, costumávamos sentar no sofá, em frente à televisão e nos divertir, enquanto ela fazia massagens nos meus pés. Podíamos ficar ali por horas e mais horas, só nós dois, a sorrir.

Apesar de todos os momentos felizes que passei ao lado dela, só me lembro o último em que, deitada no leito em que mais tarde padeceria, disse a mim em sinceras e reconfortantes palavras “ alguns

fracos morrem muitas vezes antes de sua morte, porém alguns mais corajosos só enfrentam a morte uma vez. Seja um menino corajoso. ” Morreu acreditando no que sempre acreditou, anunciava a mim com sua voz calma, um pouco rouca e divertida “ calma, eu vou para um lugar melhor, pelo menos foi isso que Ele prometeu, espero algum dia que você apareça por lá, para que juntos, brinquemos na cozinha e na frente da televisão”. Eu ainda não entendia muito bem a situação, por isso não estava melancólico, nunca tinha enfrentado algo parecido, então não prestava muito atenção nas palavras da minha amada avó. Quem me dera prestasse atenção na voz dela, para que ficasse pra sempre nas memórias, naquelas mais felizes da minha vida.

Pela primeira vez em dias, começava a pensar na morte, que levara dessa vez minha vó. Com uma languidez usual ao momento, o luto se abatia sobre o meu corpo pela primeira vez, nunca tinha sentido algo similar, era como uma angústia, que nunca descansava e cada vez mais consumia o meu corpo, corpo cansado, cansado de sofrer. E aquela pergunta ecoava em minha mente “por que eu, logo eu? ”, era todo dia, toda hora, todo minuto, todo segundo, eu tentava esquecer, escola, amigos, amores, mas nada funcionava. Por enquanto, só queria minha vó de volta, todos me falavam que o tempo curaria as feridas, mas isso ainda não se comprovava.

Passavam-se dias e a perda era grande, porém um dia a dor se curou por completo, instantaneamente. Estava tudo preto, e, de repente, surgiu uma imagem, era uma cozinha, não me parecia estranha, uma música ao fundo criava o ambiente. De súbito duas pessoas se mostraram na imagem, elas flutuavam e dançavam, ao ritmo

da música, cozinhando ao mesmo tempo, que felicidade. Então pensei que fosse uma lembrança minha, junto com a minha vó sorrindo, me divertia como nunca tinha me divertido antes. Mesmo que borrado, os dois personagens iam para outro lugar, foram para uma sala onde tinha uma televisão e via os dois conversando, brincando um com o outro.

De repente, abri meus olhos, e um pequeno sorriso estampou-se por todo meu rosto, sorriso singelo, gracioso e bem feito. Os dias seguintes foram maravilhosos, e as pessoas próximas a mim estranhavam a minha animação, mas, para mim, aquele sonho foi perfeito, não havia melhor jeito de lembrar de minha avó, senão com diversão, afeto e felicidade.

# PROBLEMAS AMOROSOS

---

Lucas Storto Teixeira

Uma noite fria, muitas estrelas no céu, Carlos está no carro saindo de casa, após uma noite conturbada, estava indo ao bar.

Passa por um acidente, se lembra do que aconteceu no seu relacionamento com Camila, após o dia de hoje haveria mudanças, precisava de alguém para desabafar.

Depois de alguns minutos Carlos chega ao bar, um lugar sujo frequentado por alguns sujeitos estranhos, um cheiro de cigarro, mas alguns de seus melhores amigos frequentavam lá, inclusive o dono do bar André, e seu melhor amigo João, um amigo de infância.

João tinha a mesma idade que Carlos, 37 anos, mas devido ao cigarro João aparentava uns 50 anos. André o dono do bar era um jovem empresário, nunca revelava sua idade mas aparentava entre 30 e 35 anos.

— E aí, galera.

— Carlos? Já são onze horas, você não tem que trabalhar amanhã.- diz João.

— Precisava conversar depois do que ouve hoje.

— O que aconteceu?- fala André.

— O problema foi com a Cami. Bom nossa relação já não estava indo bem, estávamos brigando muito.

— É você já havia falado para nós, continua.- interrompe André.

— Mas hoje estávamos felizes, as irmãs da Cami vieram em casa e estávamos fazendo um churrasco. E outro dia encontrei uma amiga minha da faculdade, Juliana, e estávamos conversando bastante recentemente, e falei para ela passar em casa.

— Quando vai acontecer o problema?- diz João.

— Para de interromper que eu falo. Bom, ela era um amor que eu tive na faculdade antes de conhecer a Cami, mas não havia nada entre nós.

— A Ju chegou no churrasco e até lá tudo estava bem. No churrasco não tinha muita carne, as irmãs da Cami foram embora, e eu, a Ju e a Cami fomos jantar pois ainda estávamos com fome.

— A Cami ficou com ciúmes né?

— Exato João, no jantar eu fiquei conversando com a Juliana, quando Cami foi ao banheiro, a Ju começou a falar do tempo em que namorávamos, e me beijou, na hora que a Camila estava voltando do banheiro viu o nosso beijo. Briguei com a Ju porque não queria beijá-la, fui atrás da Camila.

— Nossa agora entendo o porque você está aqui.- fala André.

— Quando cheguei em casa vi um bilhete na mesa. Era de Cami, falava que ela tinha ido pra casa dos pais por uma semana, e para eu tirar as minhas coisas da casa dela até ela voltar.

— Por isso eu vim aqui no bar, precisava conversar.

- Pô Carlos, vem aqui sempre que você precisar.- diz andré.
- Valeu, algum de vocês sabe de alguma casa que está alugando?
- Meu sogro ta alugando um apartamento aqui perto.
- João fala pra ele que eu alugo se nao for muito caro.
- Vou falar amigão.
- Então tchau gente, vou dormir.
- Falou João.

# VOE MELRO, VOE

---

Margarida Moraes Camargo

Dali de cima tudo me parecia pequeno, insignificante. O vento batia forte contra meu rosto, jogando meu cabelo para trás. Não se ouvia barulho algum além da minha respiração acelerada e pulso constante. Estava escuro, tudo o que se via era o céu acima e o chão abaixo. A minha frente, uma menina pensava, parada, de frente a tudo e a todos. Mais um passo e ela sumia na escuridão da noite, para nunca mais voltar.

Ela cantava baixo, uma música dos Beatles, Blackbird. Era sobre liberdade, sobre estar preso a si mesmo. Uma bela canção. Ironicamente, se encaixava perfeitamente ao contexto. Talvez fosse uma coincidência... ou não. Só sei que ela não parava de cantar, como se fosse um mantra ou algo do tipo.

Vestia um agasalho branco, por baixo, um vestido de renda vermelho que vinha até um pouco antes dos joelhos. Os cabelos, longos e pretos, estavam soltos, esvoaçando com o vento. Suas pernas tremiam de frio, e seus pés estavam descalços. Pela voz se percebia que ela chorava copiosamente, numa luta entre lágrimas e soluços. Me parecia jovem, por volta dos quinze anos.

Por muito tempo, ela não notou minha presença, e continuava chorando. Mas, mesmo que ela tivesse me reparado antes, não acho que teria parado. Ela soluçava tanto. Provavelmente, com todas as suas lágrimas poderia se fazer um rio.

Não muito convencida do que estava prestes a fazer, ela deu um

pequeno passo à frente, o suficiente para não cair.

— Você tem certeza disso?

Pela primeira vez, ela me olhou. Seu nariz era empinado e fino. As bochechas estavam rosadas pelo choro. O lábio se mexia gesticulando a música, que, até aquele momento, não havia parado de cantar. Por fim, olhei seus olhos cor do céu e... eles eram tão tristes, pareciam ter passado por tanta coisa, dava a ela um semblante mais velho.

— Não sei- disse ela em meio ao choro, e com isso chorou ainda mais.

Ela estava se acabando de tanto chorar, e resolveu se sentar ali mesmo. Chorava, e soluçava, e chorava, e soluçava, em um ciclo que não acabava. Até que juntou todas as suas forças e deu um grito. Um grito doído. Cheio de mágoa e raiva. Me sentei ao lado dela. Ao olhar para baixo, senti um frio na barriga, mas ignorei. Abri os braços para ela, que, ao mesmo tempo, aceitou o abraço e me apertou mais ainda.

Aos poucos, ela ia se acalmando e seu choro ia ficando cada vez mais baixo. Ela já não soluçava, mas continuava a cantar. Percebi que ela só cantava uma parte da música: “Blackbird fly, Blackbird fly”. Ela descansou a cabeça em meu ombro, e, pouco a pouco, apenas sobrava a voz cantando. Sem o choro, se via que ela tinha uma voz grossa e muito bonita.

Chegou uma hora em que ela ficou quieta. Se levantou, ao que eu levantei junto. Ela pendeu o corpo para frente, sentindo o vento.

Sua face se suavizou e ela abriu um sorriso. Eu a olhei atentamente, com medo do que vinha a acontecer. A garota se virou e me olhou nos olhos. Foi nesse momento que soube sua decisão. Compreendi e assenti. Ela tinha certeza do que queria. O que era para acontecer aconteceu.

Eu a vi saltar e voar no céu, enquanto seu corpo caía na escuridão.

Ela fez o que tinha de fazer.

E não a julgo por isso.

# SONHOS REAIS DE UMA INFÂNCIA FELIZ

---

Maria Junqueira Netto de Sá e Benevides

Foi uma sexta-feira bem ensolarada e feliz, meu aniversário de cinco anos. Aquele momento único na vida de uma criança, cada aniversário mais emocionante. Agora, eles não passam de um dia como os outros.

Estava deitado no chão da minha sala de aula, de olhos fechados, junto dos meus colegas, eles até que podiam estar dormindo, mas eu não, eu estava voando, exatamente como um pássaro, ágil, voando contra o vento, lutando contra a força que me puxava para trás, desviando das árvores que se atreviam a estar no meu caminho.

Depois de alguns poucos minutos, o relaxamento já tinha acabado e o desagradável zunido do sinal ecoava nos meus ouvidos como a música moderna perturbava os aguçados ouvidos dos eruditos. Peguei a minha mochila com superpoderes, que foi presente de minha mãe e fui puxando-a pela classe em círculos, correndo e pulando, mostrando para todo mundo que ela era mesmo especial. Porque, quando falei isso na aula, todos riram da minha cara. Os olhinhos de todos meus colegas brilharam como as joias mais preciosas de Paris, ao verem que minha mochila criava luzes coloridas enquanto as rodinhas se movimentavam.

Nesse dia, meu pai foi me buscar. Eu amava quando isso acontecia! Meu pai era um herói. Bom, era isso o que eu achava, mas um

dia a minha professora perguntou qual era a profissão de meu pai e eu respondi que ele era um herói. Ela não entendeu. Só foi entender quando minha mãe explicou para ela que ele era um bombeiro. Ah, a infância!

— E aí, filhão, como foi a escola?

— Foi legal! Eu me transformei em um pássaro e depois mostrei para o mundo inteiro minha mochila mágica!

Meu pai deu risada, se impressionando com a fantasia em que eu vivia. Bom, pelo menos agora acho que foi essa a razão.

Cheguei em casa e fui direto almoçar. Comi bastante porque um dia a minha amiga me havia contado que a gente comia para ficar forte, e eu, nessa idade, queria ser forte como papai. Então, eu sempre comia muito, e além disso, achava a comida uma coisa muito engraçada e gostosa: algumas me faziam ficar com água na boca, outras, com que ficasse enjoado, ou me faziam pegar fogo e algumas, como a minha comida favorita na época, faziam com que meu cérebro congelasse. Ah, a infância!

Naquele dia, lembro que, depois do almoço, decidi ir para o jardim brincar com meu cachorro, aquele brinquedo vivo indispensável na vida de uma criança agitada como eu. Saí de dentro de casa e parei no meio do jardim. Sentei e gritei bem alto:

— BATMAN!!!

Em menos de um segundo, meu cachorro apareceu correndo como o Flash e parou quando me encontrou. É, eu deveria ter chamado ele de Flash, não Batman, mas acho que, na época, era um

pouco vidrado naquele super-herói mascarado que aparecia para salvar a cidade ou confundi mesmo as criaturas inanimadas.

Ninguém acreditava quando eu falava, mas eu conseguia, ou pelo menos achava que conseguia conversar com Batman e ele comigo. Olhei para ele e, lá no fundo da minha cabeça, repeti estas palavras: Quer brincar de pega-pega? E ele respondeu que sim. Então, eu saí correndo e ele disparou atrás de mim. Corria em círculos, de um lado para o outro, para frente para trás, até que ele me alcançou, pulou em cima de mim e me derrubou. Ah, a infância!

Ai, Batman, você fez eu quebrar os meus miolos!

Desculpa... Não foi a intenção.

Tudo bem! Quer voar comigo?

Como assim voar?

Voar! Simples assim. Vamos!

Lembro ainda que corri até dentro de casa, mas antes fiz um sinal para meu cachorro não me seguir e ele obedeceu. Entrei e, quase tão rápido como o Flash, - de novo eu e minhas pequenas obsessões com heróis - e peguei o maior guarda-chuva que encontrei.

Fui andando até a grande árvore que ficava no canto do jardim e que agora fica nas prateleiras de alguma casa, ou melhor, são estas prateleiras. Batman me seguiu, escalei a Goiabeira o mais alto

que consegui com o guarda-chuva na mão enquanto Bat me encrava com a cabeça torta. Abri o guarda-chuva, fiquei de pé, fechei os olhos e pulei. Voei, como um pássaro, fiz manobras e bati minhas asas que temporariamente tinham crescido nas minhas costas. Aquela sensação gostosa, o frescor do vento esvoaçando meus bagunçados cabelos loiros, a vista do paraíso...

Boom! Bati de cara em um rochedo. Abri meus olhos, estava caído no chão e meu joelho doía. Levantei meu tronco e vi que a dor correspondia a um ralado no meu joelho esquerdo. Estava sangrando e latejando de dor. Batman veio correndo ao meu lado para ver se tinha me machucado. Mas, quando ele sentou do meu lado, caí na gargalhada, aquela risada gostosa de uma criança feliz. Ah, a infância! Essa é a lembrança mais feliz da minha infância. Época em que eu vivia em fantasia, em que tudo era possível, em que os heróis e a magia dos sonhos eram reais e a crença na possibilidade de voar não eram sinônimos de loucura. Agora, vivo no mundo real, em que sonhos não se realizam e a magia da vida se esconde em seu passado porque seu presente é cheio de tristeza e insatisfação. Ah, a velhice!

# GRAÇA

---

Maria Maia Veiga

Quando eu era pequeno, com mais ou menos 7 anos, eu morava em uma cidade muito pequena onde todos se conheciam. Do lado da minha casa, vivia uma senhora que sempre me convidava para ir na casa dela. Ela fazia docinhos e dava balinhas para quem passasse lá e, é claro, que eu e meus amigos sempre íamos. Mas não era só a gente, outras crianças do bairro também passavam para visitá-la. Não sei como dava conta de todos nós. Acho que ela gostava assim de criança porque os netos dela viviam lá, e sempre era uma festa. O nome dela era Graça e se dava bem com todos. No seu jardim, tinha um balanço enorme em que a gente brincava. Minha lembrança preferida da casa dela é o cheiro dos biscoitos de chocolate e do pão de queijo que ela fazia quase toda vez que íamos lá.

O Halloween era meu feriado favorito e toda a véspera, ela convidava as crianças e fazíamos nossas próprias fantasias. Alguns eram piratas, outros eram vampiros, fadas e princesas, mas eu gostava de ser um cowboy. Para isso eu usava uma camiseta xadrez, uma calça jeans e um cinto do meu pai. Mas o toque especial era que ela sempre fazia uma estrela de xerife com meu nome e uma pistola de pano que grudava no meu cinto. Me emprestava o chapéu do seu marido que era maior do que a minha cabeça, então ficava o tempo todo caindo na minha cara.

Em um desses Halloweens, quando havia chegado a noite e as crianças já estavam saindo das casas, eu sai, com o chapéu na mão sonhando com docinhos. Minha mãe me deixava sair sozinho já

que a cidade era pequena e bem tranquila, além disso, sabia o caminho de casa, mas também estaria com alguns pais de outras crianças. Passei em algumas casas, junto com alguns amigos, e consegui várias balas e chocolates. Quando todos foram embora, eu acabei sozinho e lembrei que tínhamos passado reto pela casa de Graça, então, no caminho de volta, resolvi entrar.

Achei estranho porque a porta da casa estava meio aberta e o vento ficava fazendo o barulho na madeira. Na hora em que eu fui bater na porta, ela abriu sozinha, até fiquei arrepiado. Tudo dentro da casa estava arrumado, mas não vi ninguém quando entrei, comecei a ficar meio nervoso. A única coisa que não estava em seu lugar era a xícara de chá de porcelana que Graça sempre tomava. Era estranho ela não estar no lugar em que Graça costumava deixá-la. Estava com tanto medo que pensei em filmes de suspense, achando que algo poderia acontecer comigo, um susto grande ou alguém aparecer de repente, sei lá. Fui andando e, quase por instinto, eu tirei minha pistola de pano da calça e disse “Doces ou travessuras!”. Ninguém respondeu.

Subi as escadas em direção ao quarto da Graça. No caminho, eu suava muito. Percebi que realmente estava com medo, coisa que não gostava de admitir. Entrei no quarto sem precisar empurrar a porta. Vi a Graça vestida de bruxa, uma fantasia que ela nunca havia vestido, tinha até uma máscara com um nariz gigante e uma verruga na ponta. Ela ainda estava com um chapéu roxo cheio de detalhes e, no chão, ao seu lado, uma vassoura.

Sempre decorava sua casa com alguns esqueletos, roupas fu-

radas e velas. Mas dessa vez ela caprichou ainda mais, pendurou teias de aranha e deixou algumas luzes apagadas. Graça estava deitada no chão, fingindo de morta. Eu gritei e disse “Mãos ao alto, Bruxa! Passa as balas e doces para o Xerife aqui! Eu vou atirar!” Ela continuava se fingindo de morta, nem se mexeu de susto com meus tiros. Quando me aproximei, percebi que ela ia me dar um susto então saí correndo. No final, não peguei nenhum doce de sua casa, mas sabia que ela iria me dar alguns no dia seguinte. Como já estava na hora de jantar, voltei para casa.

No dia seguinte, fui visitá-la já que fiquei pensando nos seus docinhos. Ao entrar na sua casa, notei que tudo estava igual à noite anterior. Imaginei que ela estivesse dormindo já que não desceu em nenhum momento. Levei um pão para seu quarto e deixei do lado de onde ela estava deitada. Voltei para casa porque ia visitá-la de novo mais tarde. Naquela tarde, voltei à casa de Graça e percebi que o pão que eu tinha deixado do lado dela tinha sumido, só tinha sobrado algumas migalhas. Na mesma hora em que pisei no seu quarto, um rato passou por minhas pernas. Só então descobri, nada foi uma encenação.

# CASA DE CHARLOTTE

---

Mariana Pestana Brom

Era uma noite fria de inverno. A neve caía, cobrindo as ruas e já não havia mais ninguém circulando, nenhum veículo passando. O silêncio permitia escutar os meus leves passos. E lá encontrava-se eu, uma jovem menina que cursava o último ano do colegial. Estava andando pelas ruas da Inglaterra, sozinha, sem nenhum destino, apenas apreciando a noite. A cidade era muito pequena e segura, localizada ao norte do país. Nela todos se conheciam, e circulavam muitas lendas e histórias.

Tinha acabado de sair de uma festa, em um bairro distante de casa, e precisava de um ônibus, táxi, qualquer coisa que pudesse me levar de volta. Já estivera naquela situação antes, porém dessa vez foi diferente; estava mais frio, mais escuro, mais vazio.

Não parei de caminhar por um segundo, e quando percebi, estava em um lugar completamente estranho. Era uma rua estreita e asfaltada com algumas casas em volta. A neve começou a cair mais intensamente, e o frio estava insuportável, então resolvi bater na porta de uma das casas, para ver se alguém poderia me ajudar.

Assim que bati, a porta se abriu. Imaginei que tivesse alguém atrás, porém, quando entrei, ninguém apareceu. Minha voz ecoava no interior do lugar:

— Olá? Tem alguém aqui?

Não houve respostas. Fui entrando devagar, olhando ao redor

e esperando encontrar alguém. A casa era extremamente grande, no entanto era velha, abandonada. Logo na sala, havia um antigo e enorme quadro com bordas de ouro. Era o retrato de uma menina, aparentemente muito bonita. Ao lado havia escadas que pareciam não ter fim. Imaginei que há bastante tempo uma família muito rica tivesse morado nessa casa.

Estava de saída quando a porta bateu. Andei lentamente até ela, e, ao tentar abrir, vi que estava emperrada. Nesse momento, meu coração disparou, e saí andando pela casa desesperadamente a procura de uma saída. Ouvi passos fortes e irregulares atrás de mim, como alguém andando de salto alto. Meu corpo estava tremendo, tanto de medo quanto de frio.

E como se não bastasse, a janela á minha direita quebrou. Olhei para o vidro quebrado e para a neve que entrava na casa e pensei que poderia sair pela janela. Entretanto comecei a ouvir os mesmos passos, e senti uma grande sombra atrás de mim. Novamente não consegui ver o que ou quem era.

Saí correndo pela casa em desespero, esperando encontrar alguma saída. Uma luz amarelada começou a acender e apagar, e os passos voltaram, além de outros vidros quebrando, como vasos de plantas e outras janelas. Comecei a chorar, pois não sabia o que estava acontecendo, e não sabia também se ia conseguir voltar para casa algum dia.

Acelerei meus passos ainda mais, no entanto escorreguei no molhado da neve e caí no chão. Um pedaço de madeira caiu do teto logo em seguida, bem em cima do meu braço, fazendo um cor-

te.

Os barulhos, os passos, os pedaços da casa caindo, as luzes piscando, o frio, estavam me deixando muito amedrontada. Comecei a gritar e bater no chão, onde permaneci deitada, pensando no que iria fazer.

De repente ouvi um barulho de buzina de carro, só que dessa vez vinha de fora da casa. Será que alguém finalmente teria aparecido?

Levantei-me e fui até a janela da casa. Avistei uma senhora grisalha e pequena dentro do carro. Pude perceber que estava buzinando por causa dos animais que circulam pela rua de noite. Ao me ver, ficou surpresa e me perguntou:

— O que você está fazendo aí? Saia daí, querida!

Pulei da janela quebrada, me cortando ainda mais com os cacos de vidro, mas não liguei. Estava extremamente feliz de ver a senhora.

— A senhora poderia me ajudar? Não sei como vim parar aqui.

— Mas é claro. Entre no carro!

— Obrigada. A senhora não sabe o quanto estou feliz em vê-la. Essa casa é... é... como posso dizer... amedrontante!

— Minha querida, está casa é mal assombrada! Esta é a Casa de Charlotte!

— Casa de Charlotte?

— Isso. Há muito tempo atrás, morava nesta casa uma família real. A princesa, Charlotte, era uma jovem muito teimosa e revoltada. Então aos seus 19 anos de idade, sua família a matou dentro desta casa e a abandonou lá. E dizem que até hoje a casa é assombrada por Charlotte.

— Nossa! Não consigo acreditar que entrei lá!

A senhora então me levou para casa de volta. Ela contando sobre lendas antigas da cidade, e eu contando sobre a maior aventura da minha vida: o dia em que entrei em uma casa mal assombrada.

# O NASCIMENTO DE UM CAPITÃO

---

Mario Bosch Audrá

Meu tio Bira estava indo para São Paulo participar de uma feira agrária, seria a primeira vez que ele iria a uma cidade grande e seria a sua primeira vez dentro de um avião. Como ele era muito ocioso e ignorante, ele pediu para a mãe que eu o acompanhasse na viagem para o ajudar em tudo.

Fiquei extremamente animado com a ideia. Seria a primeira vez que eu viajaria de avião, também iria conhecer a grande cidade de São Paulo “25 de março, lá vou eu comprar bugigangas, uhuuu”.

Empecei a notar que a viagem não seria tão tranquila como imaginava quando o tio Bira começou a render-se ao entrar no aeroporto, ele suava frio e dizia que suas pernas estavam tremulas. Logo ele me questionou: “Como algo tão grande e pesado voa e não cai?” Mas até aí estava tudo nos conformes, ao menos ele estava “andando sozinho”.

O problema foi convencer o meu tio a entrar no avião. Ele parou na porta e, simplesmente, afirmou “Não vou!!!”.

Eu e duas aeromoças começamos a tentar convencer o meu tio a entrar na aeronave. Com um pouco de calma e após uma porção de psicologia, ele disse “Eu vou”. Deu alguns passos para frente e voltou tudo novamente e disse “Não vou”. O infeliz permaneceu nesse vou e não vou por algum tempo, acabou repetindo aquela vergonhosa cena mais algumas vezes. Mas com muita insistência, ele conseguiu fazer com que todos em sua volta perdessem a pa-

ciência. Logo desistimos de conversar e o empurramos para dentro do avião.

Lá dentro, o tio Bira ficou estático em sua poltrona “Ao menos parou de tremer”. Logo que o avião ligou as turbinas e desgrudou-se da pista, meu tio se agarrou na poltrona e começou a rezar em voz baixa. Assim que o avião levantou voo ele deu um grito tão ensurdecido que até os pássaros da região se assustaram.

Durante o voo, não falou, não comeu, não foi ao banheiro, não abriu os olhos... ele, simplesmente, não fez nada a não ser rezar. Quando alguém comunicava-se falar com o tio Bira, ele respondia rapidamente “Não posso falar, estou rezando !”.

Quase no fim da viagem, o capitão afirmou com uma voz lúcida “Senhores passageiros, vamos passar por uma leve turbulência”.

— João, o que seria uma leve turbulência? - disse o meu tio interrompendo suas orações.

— É quando o avião treme um pouco, tio.

— AVE MARIA! Além de voar esse troço treme?

Então o avião começou a tremer e meu tio rezava em voz alta “Um pouco vergonhoso, mas eu estava curtindo a minha primeira viagem de avião, nem ligava”, logo o avião deixou de tremer para entrar em um zigue-zague que não possuía fim, o avião balançava tanto que nós nos desgrudávamos das poltronas. Nisso o meu tio começou a gritar:

— Ai, meu Deus do céu, eu vou morrer hoje? Ai, Jesus, perdoe

os meus pecados, eu vou morrer sem filho ou mulher, quem é que vai me enterrar e me velar? Santa Maria, eu sei que fiz muita bobagem, eu fui mulherengo, eu bebi, cafajeste, mentiroso, irresponsável, inescrupuloso e entre outras coisas! (pode-se ver que meu tio era um bom homem...) Mas não me deixe ir ao encontro de Lúcifer, Nossa Senhora!

Não era apenas o meu tio gritando, o avião inteiro estava gritando, havia gente chorando, gente rezando, gente se despedindo, gente apenas gritando... eu era o único que permanecia são. E foi naquele momento de caos e transtorno, que descobri, era aquilo que eu gostaria de fazer para o resto da minha vida, obviamente que eu não gostaria de estar em um avião em caos para o resto da minha existência. Pelo contrário, seria em um avião que eu iria trabalhar, me esforçar e evitar que situações como aquela ocorressem.

Foi graças àquele voo que hoje, 20 anos depois, eu me encontro em um avião todas as semanas. Porém, agora não tenho um nome e sim um título "Capitão".

# DISCUSSÃO DE FAMÍLIA

---

Mateus Bonfiglioli Apuzzo

E lá estava eu, engolindo todo aquele sofrimento, toda aquela agonia, a vontade de ir, eu tinha que ir, era preciso, e as vozes na mesa, atordoando meus pensamentos...

Cláudio, mas por que você quer ir? É muito longe! Marcos, fala alguma coisa pelo amor de Deus!

Ahmm... É. Isso mesmo, você sabe onde vai ficar hospedado? Nem sequer conhecemos os pais dele!

Ô, pai, mas qual é o problema?! Eu tou louco pra ir, eu prometo que mando mensagem quando dér!

Mas você vai nos deixar de lado?

É que...

Não, não e não, nem conhecemos essa praia, você nem fez as malas e...

Mãe, já conheço bem ele, deixa eu ir, me deixa, eu já fiz as malas! Tenho que ir só dessa vez, mãe! Pai, onde você vai com essa mala? Solta, solta, desce daí, vai te fazer mal à coluna, você nem terminou de comer, PAI!

Sáímos todos da mesa, aos berros, deixando para trás aquela mesa, que, um dia, havia sido montada por um pai e um filho. Aquele tampo de eucalipto bem esculpido, com seus pés de aço inoxidável. O tempo já trouxera marcas de idade, possuía o inferior

do tampo todo corroído, empoeirado. Seus parafusos já se encontravam alaranjados. A mesa se estendia ali, lutando contra o tempo, erguendo-se sobre o piso de marfim. Por fim, a brutalidade e a delicadeza em harmonia.

E escada abaixo foi a mala.

Meu Deus do céu, onde vamos parar, parecemos animais!

Por que eu simplesmente não posso ir?! Eu já tenho quase quinze anos, talvez eu até fique por lá!

Mas, querido, olha só, você morre de medo de tubarão e...

E eu com isso!? Não sou mais criança, eu adoro surfar e talvez eu até comece a namorar alguém, sei lá, mas me deixa ir, me deixa ir por favor!

Você não aguentará nem um dia, e voltará choramingando para nossos braços! Vai ver só!

Que seja, não custa nada tentar.

Ali encerrei o debate. Subi as escadas rápido e bruscamente para o meu quarto. Sentei na cama e comecei a pensar, e pensar, e pensar, o que estava acontecendo, e por que comigo, e eu só queria viajar com meu amigo, e imagina se eu tivesse pedido uma coisa mais séria, como me mudar, ou até ficar fora de casa por mais tempo, ou ir procurar um emprego. Todas aquelas ideias estavam bagunçando minha cabeça, como tempestade em copo d'água, até que, de repente, parei. Fiquei um pouco ali, olhando em volta, e me acalmando. Não parava de olhar para minha prancha, fazia tem-

po que eu não sentia meus pés em contato a superfícies ásperas do solo recheado de conchas de infinitas colorações que, por sua vez, recebiam inúmeras rajadas de água durante todos os dias desde sua existência. No instante seguinte, meus pais entraram no quarto e então me lembrei.

Vem, pai, a água tá mó boa, entra logo!

Não vai muito fundo, Cláudio!

Marcos, ele passou protetor?

Ahmm... Cláudio, vem passar protetor!

Que!?

Vem cá!

Tô indo!

Corri então em direção a eles, descalço. Ao sair do mar com suas ondas refrescantes, pisei na areia gélida, dura como cimento, que se tornara macia com o meu caminhar. Cheguei ao guarda-sol onde eles se encontravam. Ao passar o protetor, inicialmente, se coincidia com a sensação de estar desnudo, no centro de uma tempestade de areia. O Sol sobre meus ombros se esforçava para que atingissem o estado de maior vermelhidão. Chegou a brisa. Um ar-repio veio me dominando dos pés à cabeça. Senti então os grãos de sal agarrados à pele, como se não fossem descolar mais. Corri mais uma vez, só que agora em direção contrária a meus pais. E o vento batendo no meu peito. Pulei. Adentrei na vastidão do mar...

Acordei. Olhei em volta e lá estava eu de novo, naquele mesmo

quarto, com a mesma prancha, com os mesmos bonecos, os mesmos adesivos colados no teto, no quarto daquele menino, que uma vez teve 9 anos, e que uma vez, apenas uma vez, havia viajado à praia com seus pais.

E lá estavam eles, parados, na minha frente, com uma cara de quem está pensando em dizer algo, mas não o realiza, pois seus músculos faciais não conseguem decifrar o que estão sentindo e escolher contrair ou descontrair.

O silêncio predominou. De repente, o momento de tensão foi rompido por uma voz masculina.

— Você quer mesmo ir, né.

— Sim, mas vocês...

— Fui interrompido.

— Eu e sua mãe conversamos enquanto você estava aqui em cima e ela concorda que nós temos sido muito controladores ultimamente em relação a onde você pode ou não pode ir, então decidimos que você vai poder ir viajar com...

O Rafa?!

É.

No instante seguinte, um sorriso surgiu em meu rosto, como um nascer do Sol numa madrugada de domingo. Pegamos a mala e, juntos, nos dirigimos ao carro.

Ao chegar na casa do amigo, embarquei em outro veículo, dis-

se “adeus” à meus pais e em seguida fui, e nunca mais voltei a ser como era antes.

Cheguei à praia. Me senti vivo novamente.

# A DECISÃO

---

Nina de Mol Van Otterloo

Era um dia ensolarado, mas não muito quente. Eu ouvia os passarinhos cantando, e ao tentar procurá-los naquela mata exuberante, não era possível encontrá-los. Talvez pela fauna e flora serem de grande quantidade, talvez pelo fato de existirem milhares de pássaros cantando, não tornando possível descobrir qual encarregava-se do canto maravilhoso que havia ouvido.

Eu estava em minha casa de campo, não gostava muito de ir para lá pelo simples motivo de não ter o que fazer. Andar de bicicleta? Já havia andado milhares de vezes. Correr? Eu cansava muito rápido. Ficar em casa o dia inteiro? Era sempre o que me sobrava. Mas esse fim de semana não estava assim tão ruim, eu estava com uma amiga, a Ana. Nós fazíamos tudo uma com a outra, não sei como nos aguentávamos tanto tempo juntas, só sei que conseguimos ficar assim por dias.

Naquele dia, fomos caminhar, eu odiava andar, mas Ana não conhecia o condomínio, então tive que ir com ela. Estávamos passando por uma área de mata quando ouvimos um choro. Era um filhote de cachorro com certeza. Havia vários cachorros soltos pelo condomínio, então era normal ver um filhote.

Fomos até em casa chamar meu pai para ver o que faríamos. Pegaríamos o filhote na mata? Chamaríamos o segurança? Avisaríamos alguém de que ele estava lá?

Estávamos ligando para o segurança quando um moça apare-

ceu, ela também havia escutado o choro. A mulher nos contou que havia encontrado no dia anterior dois filhotes atravessando a rua, ela também não soube muito bem o que fazer, mas acabou decidindo levar eles para casa para cuidar enquanto o dono não aparecia.

Meus olhos brilhavam enquanto ela falava sobre os filhotes, meu sonho era ter um cachorro, mas não podia, pois tinha um coelho. Para mim, isso não era desculpa, mas sabia que de nada ia adiantar falar isso para os meus pais. Eu perguntei a ela:

— Posso ir ver os filhotes? eu indaguei sem nem pensar antes, pois foi uma atitude instantânea de quem adora cachorros. Depois eu percebi que foi um pouco falta de educação ter me convidado para ir à casa dela.

Ela concordou com a cabeça e com um sorriso no rosto, afinal ela não teria como recusar.

Chegamos em sua casa e eu logo vi duas bolas de pêlo tentando correr rampa abaixo, eles eram cor de caramelo, pequenos e muito fofos, lembravam um lobinho. Saí correndo para ir ao encontro de um deles.

A única coisa que eu conseguia pensar era em como a minha vida seria se eu tivesse uma daquelas fofurinhas comigo, dia e noite, 24 horas por dia. Eu não via pontos negativos, mas sabia que meus pais já haviam conversado a respeito e que já tinham uma opinião formada, gostando eu ou não. De repente, meu pai fez a melhor pergunta que alguém podia ter me perguntado.

— Filha, você quer um destes?

Aquela era a pergunta mais óbvia do mundo, não sei por que ele a tinha feito, mas mesmo assim respondi.

— Sim!

Quando eu vi, já estava com um filhotinho no colo e a dona da casa me dando ração, e ela me dando os remédios da cachorrinha e a Ana me abraçando e meu pai fazendo perguntas e eu, bom eu não tive expressão, alguns pensariam que eu não havia gostado de ganhar uma cachorra, mas muito pelo contrário, eu estava muito feliz, era só que tudo estava ocorrendo rápido demais.

No carro, aquela cachorrinha cor de caramelo, com o pêlo macio e a língua quente me olhava, e eu a olhava de volta, estava apaixonada, mas não era por isso que eu a olhava. Estava tentando prevenir que ela vomitasse em mim, pois voltávamos para São Paulo e como eu estava com ela há tão pouco tempo, não a conhecia. Mas minha maior preocupação era como o coelho Felpudo reagiria.

Chegamos em casa e a primeira coisa que ela fez quando a coloquei no chão foi correr atrás do coelho. Ela corria, ele fugia, nós gritávamos. Com essa primeira impressão, meu pai já me olhou, com um olhar um tanto quanto preocupado, mas forte, como se quisesse me dizer que não daria certo.

Esse ato se repetia de minuto em minuto, e o Felpudo só ficava mais estressado. Foi aí que eu percebi que teria de tomar uma decisão. O que fazer, dar o coelho que já estava comigo há cinco anos, gastar os meus dias inteiros tentando fazer com que os dois se entendessem ou dar a cachorrinha.

Aquela decisão que eu precisava tomar me atormentava em todos os momentos. Eu pensei, pensei muito em tentar fazer os dois se entenderem, mas não tinha garantia de que isso ocorreria.

Eu chorava, não sabia o que fazer, que decisão tomar, dar o coelho, dar o cachorro, dar os dois, pedir ajuda, adestrá-los, só conseguia chorar. A decisão que havia tomado foi com certeza a mais difícil em anos, mas sabia que seria o melhor a se fazer.

No dia seguinte, meu pai voltou para o condomínio com a cachorrinha, ela nem sequer tinha nome. Isso me causou uma dor que por alguns dias pensei que seria para sempre, mas sabia que teria de superar, mesmo pensando que não conseguiria.

Aquela semana foi difícil, minha cabeça estava tão conturbada que eu não conseguia nem me concentrar nas coisas mais simples, andar, comer, ler, refletir... Nada na minha cabeça se conectava, eu pensava apenas no curto período em que o ex-membro da família havia ficado conosco.

# DEPOIS QUE EU DEITASSE NA MINHA CAMA

---

Nina de Souza Furlan

Estava no sofá da sala, pensando nele, lembrando de tudo o que passamos juntos. Eu sentia saudades como se tivéssemos passado anos de nossas vidas um com o outro, mas havia sido apenas algumas noites, as quais lentamente comecei a recordar...

Acabava de sair de um relacionamento horrível com um menino, seu nome era Alex. Ele me desrespeitava e me oprimia demais, inclusive, foi por isso que terminei o namoro. Porém, não conseguia evitar sentir saudades, pois ao mesmo tempo que nosso namoro não fosse perfeito, nós éramos muito parecidos: assim como eu, ele não gostava muito de aventuras loucas, romance demais ou clichês de cinema, nós também correspondíamos na aparência, éramos loiros, magros e baixinhos. Talvez fosse justamente esse excesso de igualdade, ou falta de espontaneidade, que deixava tudo tão monótono.

Foi no mesmo dia do término que eu o conheci. Estava deitada na minha cama, bagunçada e toda suja de pipoca, após assistir a uma maratona de filmes de ação. Era bem tarde e eu acabei caindo no sono, acordei com um barulho alto de pedrinhas batendo na minha janela. A princípio, achei que era só o filho de algum vizinho querendo me pregar uma peça, então eu só ignorei e esperei que ele desistisse, mas o barulho persistiu. Foi quando eu saí na janela pra pedir para quem quer que estivesse fazendo aquilo parasse. Então

eu o vi pela primeira vez, seus cabelos eram pretos e estavam bagunçados, sua pele era clara e ele era magro assim como eu; estava usando uma camisa xadrez vermelha e preta aberta, com uma regata branca por baixo, acompanhadas por seus jeans pretos.

— Clara! Abre logo eu estou ficando sem pedrinhas!

— Quem é você? E o que está fazendo?

— Meu nome é Jace, você provavelmente não lembra de mim, mas nós nos conhecemos faz tempo. Você pode descer aqui?

— Eu não lembro de você, como sei que não está me enganando? Por que você quer que eu desça?

— Eu não tenho exatamente como te convencer, mas eu fiquei sabendo que você anda meio triste e queria te ajudar, você não quer sair pra conversar?

— A essa hora da noite?

— Por favor, esse é o único horário que nós dois podemos.

— Como você sabe os meus horários?

— Eu sei que isso parece estranhos, mas eu te conheço bastante...

Eu estava muito desconfiada, aquilo era até meio assustador, mas, mesmo assim, estava muito curiosa e queria muito saber quem ele era e como me conhecia.

— Está bem, eu vou descer, mas não posso ficar fora de casa por muito tempo!

Saí do meu quarto o mais silenciosamente possível para não acordar meus pais e fui andando pelo corredor pé ante pé, finalmente, desci as escadas, abri a porta da frente e saí. Jace estava lá embaixo, me esperando, e me convidou pra dar uma volta em um jardim oriental que tinha sido inaugurado lá perto, algumas semanas atrás.

Conforme andávamos, eu fui perdendo minha insegurança. Eu não sou o tipo de pessoa que gosta de muita loucura - tipo sair com um desconhecido no meio da noite – mas, por algum motivo, aquilo foi divertido. A noite estava muito bonita, já que não havia muitos carros ou pessoas na rua, além disso, o céu estava limpo, haviam somente estrelas, que brilhavam nos meus olhos marrons.

Nós íamos conversando e, surpreendentemente, ele me conhecia muito bem. Embora eu perguntasse várias vezes como ele sabia tanto sobre mim, Jace sempre conseguia achar um jeito de fugir do assunto. Sua atitude era bem diferente da minha, ele era mais alegre, espontâneo e divertido, eu não sabia por que ele queria conversar comigo, mas eu não reclamava pois estava gostando muito.

Finalmente, nós chegamos no jardim, e embora não estivesse completamente pronto, ainda era muito lindo, a luz da lua refletia nos pequenos laguinhos e as árvores, que eram cerejeiras, estavam todas floridas, pois era primavera. Nós demos algumas voltas no parque, conversando, rindo, flertando...Até que eu percebi que já se passava de duas da manhã, e tive que ir correndo para casa. Foi um momento meio Cinderela, o que eu não gostei muito, odiava clichês, o que era meio contraditório já que eu tinha gostado tanto

daquela noite, mesmo ela sendo igualzinha a um desses filmes dos anos oitenta.

Eu entrei pela porta da frente e consegui chegar no meu quarto sem acordar ninguém. Passei o dia seguinte inteiro com sono e com dubiedade, pois eu não sabia muita coisa sobre Jace, não sabia por que tinha gostado tanto daquela noite e não sabia o que eu estava sentindo por ele!

Fiquei muito ansiosa para a noite do dia seguinte, porque, provavelmente, ele viria de novo já que tínhamos “assuntos inacabados” da noite anterior. Foi por causa dessa ansiedade, o dia passou tão devagar, mas, finalmente, chegou a noite. Esperei, e esperei, já passava das dez horas, quando eu estava perdendo a esperança e deitei na minha cama novamente, foi quando eu escutei as pedrinhas batendo na minha janela de novo. Fiquei tão feliz, era, realmente, ele que estava lá embaixo.

— Oi, você pode descer agora?

— Claro. Já estou indo!

Novamente, eu estava passando pelo corredor e indo em direção à porta da frente para encontrá-lo. Dessa vez, ele me levou a um piquenique, no mesmo jardim japonês. Eu falava pra ele sobre os meus planos para o futuro, e sobre como eu gostava de arte e afins, e ele me dizia que era uma carreira incrível de se seguir, porque você nunca fica entediado.

Chegou uma hora em que o assunto morreu, ele começou a me olhar, eu comecei a olhar de volta, até que ele foi chegando perto...

E me beijou. Foi provavelmente um dos momentos mais românticos e felizes da minha vida...

Aí eu acordei, estava deitada na minha cama, e percebi que só o veria novamente na próxima noite, depois que eu deitasse na minha cama...

# O GRANDE JOGO

---

Rafael Azevedo Peixoto Camargo

“Hoje é 21 de março” repetia em voz alta em meu pequeno quarto. Dia importante? Para mim, sim.

Dia da final do campeonato da escola. A ansiedade e o nervosismo penetravam em cada um dos meninos do colégio. O que estava em jogo era o futuro de cada um dos jovens e humildes jogadores, com suas chuteiras desgastadas e suas meias rasgadas. Não se buscava a vitória, somente os olhares dos representantes dos grandes clubes.

A caminho do grande momento, pensava em cada possibilidade de sucesso. Cada jogada, cada gol, cada passo, cada movimento, cada comemoração, cada falta, cada sentimento. Tudo já havia se passado por meu pensamento.

“Chegamos! Boa sorte, filho”, falou meu pai confiante. Desci do carro e olhei à minha volta. Não havia vento, a rua estava deserta e, com a calma, conseguia escutar o bater apreensivo do meu coração. Observei a fachada da escola, suja e com rachaduras por toda parte. Dei-me conta de que quando tivesse filhos, gostaria que estes possuíssem condições melhores do que meus pais me ofereceram.

Minha mãe sempre foi uma mulher humilde e simples, e nasceu em Arandu. Já meu pai vivia na capital e conseguiu fundar uma empresa de camisetas de grande sucesso que gerou muito dinheiro. Mas, com o passar do tempo, as camisetas produzidas por ele foram sendo consideradas antiquadas, o que o levou à falência. Sem con-

dições de pagar o aluguel de onde morava, decidiu se mudar para uma pequena cidade do interior, onde conheceu minha mãe.

“Se concentre”, falei em voz alta. Segui rumo ao campo. Me surpreendi com o que vi. As arquibancadas estavam lotadas e os dois times já estavam no aquecimento. Corri em direção ao gramado. Quando estava entrando em campo, Carlos me agarrou:

— O que aconteceu, menino? Perdeu a hora do jogo? Você acha que pode chegar na hora que quiser? Pois bem, ficará no banco.

O sangue me subiu à cabeça. Como ele poderia me deixar de fora do jogo mais importante da minha vida?

Carlos era o treinador do time. Sempre odiado e detestado por todos os jogadores. Marcava os treinos domingo de manhã e ainda tinha a coragem de expulsar quem chegasse atrasado. Meu pai sempre dizia “Carlos é um homem grosso e metido, que se acha superior aos demais só por ser técnico do melhor time da cidade, que já não é grande coisa”.

“Qual será meu futuro?”, pensava preocupado. O jogo começou calmo, mas, com o tempo, os times mostraram suas habilidades e a bola passou a não ficar parada por um instante. Passe, passe, chute, “goleiro!!!!” gritava a torcida. Olhava atentamente as jogadas, quando, aos 15 minutos de jogo, João, o atacante do time, se machucou e pediu para sair de campo. Carlos ficou irritado com a atitude do jovem, porém não havia mais o que fazer e foi feita a substituição. Lá estava minha grande chance.

Carlos olhou para mim e me chamou furiosamente. Quando cheguei ao seu lado, ele começou a me dizer o que esperava de mim dentro de campo. Porém não precisava desse “mimimi”, como já disse, eu havia pensado em tudo. Entrei em campo como um típico jogador, três pulos com a perna direita e por último uma reverência ao céu, queria impressionar meus espectadores.

“Finalmente!!!”, falei para mim mesmo. Logo, recebi a bola, e lá vai um! Dois!! Três!!! Quatro zagueiros no chão!!!! Até que o quinto adversário me desarmou e o contra-ataque estava aberto. Infelizmente, juntamente ao gol, vinham os comentários ofensivos dos pais de meus companheiros “Fominha!!!”, “Perneta!!!”, “Pé torto!!!”. Decidi ignorar e dar o meu melhor. Novamente, recebi a bola, mas dessa vez passei para Ricardo, que passou para Henrique, que driblou o zagueiro e me viu dentro da área e não hesitou em realizar o lançamento, assim como eu não hesitei em cabecear a bola e “Gooooool”, gritou Carlos. Comemorei como se fosse meu último gol, no meu último jogo.

Bola no meio do gramado, e o árbitro apitou para dar início à continuação da partida. Respirei fundo e tentei me acalmar, mas não consegui. Em uma tentativa desesperada de recuperar a bola, acabei fazendo falta e o juiz viu necessidade em me mostrar o cartão amarelo. Carlos começou a gritar do banco, indignado com o cartão, injusto segundo ele. O árbitro decidiu expulsá-lo da partida e Marcos, o assistente, assumiu o comando da equipe.

O jogo continuou e conseguimos ampliar o placar em quatro gols de vantagem. Resultado das jogadas incríveis que eu criei no

decorrer da partida, em que minha confiança estava alta. E, quando eu menos esperava, o apito soou pela última vez.

Aí você já sabe. Correria para todo lado, comemoração com os pais e foto ao lado do time segurando o troféu. Porém era o que menos importava para mim. Onde estavam os olheiros dos grandes clubes era o que importava. Andei pelo gramado atento aos que estavam ao meu redor. De repente, um homem veio em minha direção. Aquele era o momento pelo qual eu havia esperado minha vida inteira. Então ele me chamou pelo meu nome e perguntou:

— Gostaria de saber se seu amigo, Francisco, estaria interessado em mudar de time. Você pode comunicar-lhe que estou à sua procura?

Fiquei sem palavras. Como ele poderia gostar de Francisco? Ele não jogou nem 20 minutos. Não conseguia entender o que se passava pela cabeça daquele homem. Não respondi sua pergunta e saí andando.

Permaneci no campo durante horas. Até que olhei à minha volta e percebi que eu era o único naquele vasto gramado. Voltei a pé para minha casa, chorando durante todo o caminho. Prometi para mim mesmo que nunca mais jogaria futebol. Cheguei em casa e estava prestes a contar minha decepção aos meus pais, quando, inesperadamente, minha mãe correu na minha direção e me abraçou, e, logo em seguida, meu pai. Fiquei imóvel dos pés à cabeça, sem entender a situação.

Após minha mãe se recompor, ela me explicou que Carlos ha-

via ligado e dado a notícia de que um empresário estava interessado em mim. Comemoramos a noite inteira e acabei não conseguindo cumprir minha promessa.

# NUNCA DEIXE DE SONHAR

---

Rodrigo Ricca Humberg

Todos os dias, passava por um campinho de futebol, sem grama, todo de terra, bem mal cuidado. Sempre via a mesma cena, vários meninos jogando bola. Porém, um dia, após o trabalho, sentei e comecei a assistir os meninos jogarem. Presenciei um momento único, nunca imaginei que uma tarde como aquelas, naquele lugar, poderia ser tão importante e emocionante para aqueles garotos.

Depois de algum tempo assistindo, fui para casa. O caminho inteiro fui pensando naquele jogo, que para todos devia ser normal, comum, mas, para mim, era de outro mundo. Quando cheguei em casa, tomei um banho, e fui me deitar. Não consegui dormir tão rápido, pois fiquei pensando e pensando naquela tarde tão boa que tive.

Ao amanhecer, fui para o trabalho. Tudo estava exatamente igual, as mesmas pessoas, o mesmo cansaço, as mesmas matérias para rever e escrever, nada fora do normal. Fiquei várias horas naquela sala, tomando café. Até que tive uma ideia! Fui à sala do meu editor chefe e falei:

— Raimundo, eu tive uma ideia sensacional para escrevermos a próxima matéria!

— Qual, Josias? – respondeu Raimundo.

— Todos os dias passo por um campinho de futebol para ir para casa. O campo está em péssimas condições, mas mesmo assim

os meninos da vila vão lá todas as terças e jogam como se estivessem jogando em um verdadeiro campeonato, com raça, disposição e paixão. Acho que daria uma ótima matéria!

— Vou pensar no seu caso, Josias – falou firme Raimundo.

Ao final do trabalho, fui de novo ver aqueles meninos jogarem, com um propósito: apreciar aquele momento, e observar mais fatos e sensações que aquele lugar transmitia. Fiquei um bom tempo sentado em um banquinho de cimento desgastado, dando vista a um dos pores-do-sol mais bonitos que já vira. Pensei como iria transmitir tudo aquilo para o papel, porém deixei isso de lado e me encontrei de novo naquele momento. Me lembro muito bem de um dos meninos, Juninho (como era chamado pelos outros), chutando a bola e esta encobrindo a bola laranja e ofuscante do Sol.

Terminado o jogo, voltei para o escritório e fui para minha sala. Lá sentei, pensei, descansei até que uma hora liguei o computador e comecei a escrever. Tudo estava tão fresco na minha cabeça, aqueles meninos, a bola entrando no gol, os gritos de felicidades, tudo! Fiquei um bom tempo na sala escrevendo, até que umas nove da noite fui embora.

Em casa, pensei o que iria fazer com aquilo. Salvei o texto em um pen-drive e fui me deitar pensando no dia que havia tido.

No dia seguinte, fui falar novamente com Raimundo.

— Raimundo, está aqui a matéria sobre os meninos.

— Deixa eu ver – desconfiado, falou.

Demorou um pouco para ler, mas, ao final, soltou um sorriso.

— Isto aqui está maravilhoso! Vamos publicar o mais depressa possível!!!

— Fico muito grato, Raimundo.

— Não tem de quê, você fez por merecer.

Então foi assim, que esses simples meninos, que apenas se divertiam às terças fazendo o que mais gostam de fazer, viraram um motivo de inspiração a todos. Finalizo essa matéria com um recado: nunca deixem de sonhar!

# PELA ÚLTIMA VEZ

---

Sophia de Campos Berg

Ela fechou a porta com força, se sentou e olhou seriamente para frente, fazendo de tudo para demonstrar o que sentia, fechou a boca, lançava respostas curtas para as minhas perguntas que eu só fazia com o objetivo de saber qual era a gravidade de tudo. Fixou os olhos castanhos na estrada e os braços amarrados, seu cabelo feito não mudara por conta do tempo, rapidamente pegou o celular e começou a digitar como sempre, o barulho das suas unhas vermelhas batiam na tela rapidamente tec tec tec. Apertei minhas mãos no volante.

Ela nunca foi uma mulher fácil, era como um jogo difícil ou talvez impossível, mas eu sempre gostei assim, era diferente, tinha vários tipos de sorrisos que significavam coisas diferentes. Não se dava bem com brigas de família, e implicava com a minha mãe, talvez por que não soubesse muito bem o que era família por ter saído de casa muito cedo, e por não ter uma mãe muito presente. Ela sempre foi ótima com as nossas filhas, mas quando cresceram, começaram a perceber que sua mãe não era uma super-heroína e que nem sempre estava certa em tudo, a famosa adolescência que deixa todas as mães nervosas tec tec tec.

Prestava tanta atenção nela que não percebia que o vidro da frente ficava embaçado por conta da chuva, aos poucos não conseguia ver nada, como não conseguia entendê-la. Usei o para-brisas, Farol vermelho. Tec tec tec. Comecei a pensar nela, na briga, tentava achar alguma razão no seu lado, eu precisava achar, pois queria

acreditar que ela ainda tinha base, esse pensamento foi tão forte que me levou a abaixar a cabeça, mas rapidamente tudo mudou, fiquei de bravo para nervoso e depois furioso, o vidro ao meu lado se embasava repetitivamente, e novamente segurei forte o volante, como se estivesse prestes a acontecer um acidente. Foi quando chegamos.

Parei o carro e abri a porta com a cabeça baixa por causa da chuva, fui direto ao porta-mala, o abri com dificuldade e puxei uma grande mala marrom. Percebi que ela já tinha atravessado a rua e estava salva da chuva, parada com os seus olhos grudados no celular, claramente querendo demonstrar calma e superior enquanto eu, no meio de um grande temporal, com a dificuldade de puxar a mala.

Ouvia na minha frente seus saltos batendo no chão, e suas unhas no telefone, com uma cara brava e extremamente séria, enquanto eu puxava sua mala até o portão do embarque do seu voo. Nos sentamos no saguão, me debrucei e coloquei as mãos na cabeça, me segurando para não perder a calma com ela, e quebrar aquele silêncio que demorara para construir. Já sabia que ela estaria como estava desde o começo da viagem, mas, mesmo assim, olhei para o lado, e vi que ela tinha desligado o celular e estava olhando para mim, mas agora com um olhar diferente, começou a falar sobre a briga, calmamente ainda dizendo as mesmas coisas que dissera para mim em casa, mas tentando resolver o problema, endireitei minhas costas, e senti toda a minha raiva acumulada, começamos a discutir, o meu tom de voz ficou mais forte igual as minhas palavras, até um ponto de não me reconhecer, enquanto ela insistia no seu lado. No meio da discussão, eu parei de falar e ela também, olhei para o lado por alguns segundos, levantei e entreguei a sua mala,

mas ela não tinha entendido o porquê, então a deixei lá sentada. Quando subi pela escada rolante pude vê-la sentada olhando para frente, com o celular na cadeira onde eu estava.

Na manhã seguinte daquele dia chuvoso, estava sol, mas, mesmo assim ,me sentia péssimo, sentia falta do sorriso dela, sentia falta dela, passei o dia revivendo e revivendo o dia anterior, e me perguntando o que eu poderia ter dito ou feito em vez de ir embora daquela maneira. Então resolvi ligar para ela, para poder dizer o que não dissera. Naquele mesmo momento, na manhã seguinte do dia chuvoso, recebi um telefonema de que seu avião havia caído.

# CHUVA

---

Valenthina Matteucci Rossi

A chuva caía forte na minha frente. Destruía o ninho de passarinhos no topo da árvore. As formigas voltavam para o formigueiro. A grama já estava ensopada sob meus pés. Mas eu estava sentada, ali.

Ao longe se via uma esperança de que a chuva fosse passar. Um tom alaranjado, como se o céu estivesse em brasas. Parecia que o mundo ia cair, ser destruído.

As gotas de chuva escorriam pelo meu cabelo encharcado. Sentia frio, mas não o suficiente para colocar um casaco. Olhava para as minhas mãos. As unhas todas quebradas, o esmalte saindo. Meus dedos estavam enrugados. Mas eu continuava sentada, ali.

- Vem filha, deixa eu tirar uma foto sua e do seu pai.

- Não mãe, pede para alguém tirar uma nossa, assim todo mundo sai na foto.

- Com licença, você se importa de tirar uma foto nossa? Obrigada.

Essa realidade parecia tão distante. De uma vida atrás. No qual não haviam preocupações, que estávamos todos juntos. Como uma família.

Ouvi um barulho de moto. Não virei a cabeça para ver quem era. Pelo som dos passos senti um alívio. Se aproximou e sentou-se do meu lado, sem dizer uma palavra. Sua presença ali me deu uma

sensação de aconchego. Deitei em seu colo e me derramei em lágrimas.

Por que isso tinha que acontecer? Tudo parecia tão bem. Tão normal. E de repente, tudo estava diferente. Pensava nas mudanças, no sofrimento que seria, tanto para mim quanto para eles. Por toda minha vida vi eles juntos felizes. Agora se odiavam. Nem sabia o motivo.

- Calma, vai ficar tudo bem. Isso acontece.

- Isso acontece, mas por que comigo?

- Poderia acontecer com qualquer um.

Lucas sabia por o que eu estava passando. Sabia da surpresa. Da tristeza. Passou pela mesma coisa. Seus pais tinham se separaram 8 anos atrás. Já devia até ter se acostumado com esta “nova vida”. Estava lá para me ajudar nesse momento difícil.

Minha vida passava na minha frente. Todos os momentos que passamos juntos. Aniversários, viagens, cinemas, finais de semana. Agora, todos parecem estar separados por um único momento.

- Filha, nós precisamos te contar uma coisa.

- O que aconteceu? Tem alguma coisa errada?

- Eu e sua mãe nos separamos.

A árvore sobre nós parecia enorme de onde estava, deitada no colo de Lucas. Mas para ele, não parecia tão grande. A chuva, agora menos intensa, caía sobre meu rosto, me impedia de ficar com

os olhos abertos. Pensava como seria daqui para frente. Vou morar com quem? Eu vou ver os dois? Ou vou morar com um e nunca mais ver o outro? Acho que eles não seriam capazes de fazer uma coisa assim.

O tempo passava, e minhas lembranças ficavam cada vez mais distantes, sendo substituídas pelo mesmo pensamento: o que faria quando voltasse para casa. Cogitei ir para casa de Lucas, mas não seria o certo a fazer. Se quisesse ver o arco-íris, teria que enfrentar a chuva forte.

Não imaginava que quando chegasse, um dos carros não estivesse em casa e as roupas de um lado do armário não estivesse mais lá. Não imaginava que uma das pessoas que mais amo não fizesse mais parte desta família. Não imaginava que fosse ser tão rápido. Não imaginava nada do que iria acontecer.

Continuava deitada, enfrentando a chuva forte. Esperando que um dia ela parasse e o arco-íris aparecesse.

# 25 DE NOVEMBRO A MELHOR TARDE

---

Vinícius Quaglio da Silva Gordo

Era uma tarde de quarta, 25 novembro, meu celular apitou um som de mensagem. Fui ver do que se tratava. É João, um grande amigo, estava perguntando se eu queria conhecer uma amiga dele. Essa amiga dele eu já havia visto, mas nunca comentei sobre ela. Era uma menina muito linda, não muito alta, ideal para meu tamanho, já que não sou alto, loura e com os olhos azuis mais lindos que já havia visto. Minha resposta, obviamente, foi sim, então ele me explicou que ela já havia falando para ele que gostaria de me conhecer, conversar comigo e também...

Combinamos o dia pra nos encontrar, uma data que jamais me esquecerei 27/11/2015. Fiquei a semana toda empolgado esperando o momento, só pensando nela e, finalmente chegou o dia estava empolgado, fui pra casa do JP (apelido do meu amigo) ficamos um tempo ate irmos para o prédio da avó dele onde sua amiga morava. Quando chegamos, fomos pra quadra. Lá estava ela e sua amiga Julia que se tornou uma grande amiga hoje em dia. Pude conhecer a meninas dos olhos mais lindos que já vi, seu nome era Laura. Conversa vai conversa vem, mas com aquela timidez de sempre.

Estava muito tímido e ela também. O JP me puxava de canto, me zoava e, ao mesmo tempo, dava conselhos. Começamos a jogar verdade ou desafio, era vez da Ju e ela perguntou:

— Você “ficaria” com o Gordo?

A tensão esperando a resposta foi desesperadora. Mas do mes-

mo jeito, a resposta não podia ser melhor.

— Sim.

Naquele momento, fiquei mais tranquilo. Mais tarde, estávamos na quadra zoando pra caramba, não sei de onde, mas tomei coragem, fui falar com ela. Decidi chama-la pra um lugar mais reservado onde conversamos, fomos chegando mais perto e, finalmente, nos beijamos. Foi o melhor beijo da minha vida, um beijo carinhoso seguido de um abraço apertado e muito bom. Todo dia penso nesse abraço que a cada vez melhora. Depois desse dia, ficamos juntos até hoje.

Ainda tenho de agradecer muito o JP por ter me apresentado essa pessoa incrível.

E no dia 27 de março, chegamos a Cinco meses juntos. Os melhores meses de minha vida. Espero que ainda tenha muito tempo com ela. Sempre penso na sorte que tive de conhecê-la e poder ter tudo isso com o meu anjo Laura De Sanctis Fernandes.

# CRÉDITOS

---

## **Direção**

Regina Scarpa

## **Coordenação**

Vera Conn

## **Orientação**

Maria do Carmo G. Kopp Silva

## **Professora**

Marilda Cabral

## **Edição e design**

